

EDUCAÇÃO NO TRIBUNAL



MWANGA GARCIA

Educação no Tribunal

MWANGA GARCIA

Ficha Técnica:**Título:** Educação no Tribunal**Autor:** MWANGA GARCIA**Editora Digital:** "Água Preciosa"**Texto:** Verdana 12**Capa:** Belson Hossi. Canva.com**Revisão dos Textos:** Abílio Lupenha**Lubango, Fevereiro 2022**

Índice

1. Prefácio.....	7
2.Introdução.	11
3. Educação sem papéis dos pais de nossos pais (em África) e seus convenientes.	17
4. Educação dos Papéis (Época Colonial) com Chicotes.....	22
5. Educação na época actual (Época da Independência) com espírito de deixa andar, de libertinagem.....	33
As crianças da rua.....	36
Crianças recebidas por acidentes.....	37
Delinquentes.....	39
As crianças com comportamento difícil	42
6. A Evolução da Tecnologia Vem Criar Engarrafamento e Anarquia na Educação das Famílias africanas.....	51
7. Educação Impõe a Tolerância e Obediência para Tudo. A desobediência é base da nossa maldição.....	54
8. As línguas Maternas Contribuem e Enriquecem muito mais para a Educação.....	61
Sobre o Autor	72

Agradecimentos

Os meus agradecimentos pela ajuda que me foi prestada pelos professores Lupenha, Chia – KMK, não esquecendo a Academia de Autores da Huíla, e ao Mecenaz "**ÁGUA PRECIOSA**".

1. Prefácio

Homem, quem és – tu? Porquê tu és indiferente daquele que tu sabes? Tu metes em perigo almas e almas, isto não te diz nada? Marchas a pé como dono ou mesmo como proprietário deste mundo? Tu pretendes manipular da tua maneira, transformar, mudar a terra dos homens, enquanto essa mudança poderia iniciar a partir de ti! Porquê queres tu ensinar coisas aos outros pensando que tu sabes tudo, enquanto ninguém sabe tudo deste mundo? Tudo o que aparece à nossa volta, são coisas mais poderosas da natureza e pela sua extensão sem limite, o homem é incapaz de mudar e de conhecer bem a fundo a natureza. Para além disso, sem dúvida, as suas manifestações nos dão medo. No entanto, elas estão aí para consolidar, fortificar, alimentar a nossa vida no mundo real. O homem deve prestar-lhes atenção e reconhecer que tem de ser educado nesta área. É fácil de compreender este problema se se procurar a resposta começando pela base ou seja a partir da sua chegada neste mundo, apesar de que este tipo do problema ultrapassa um pouco a nossa mente. Quando emitiste um grito espontaneamente, parecete alguma coisa deitada pelo vento, mas na verdade, o homem vomitado da barriga de sua mãe dificilmente será conforme o que nos conhecemos na véspera do parto. Aquele grito comparável ao aviso prévio dado pelo homem antes de aterrar no mundo, que lhe ensina que ele deve seguir, obedecer a todas orientações que lhe são transmitidas paulatinamente no percurso de sua vida, porque as coisas deste mundo se irão complicar já que nem todas as situações neste mundo podem ser compreendidas da mesma maneira. Sabemos que o homem é teimoso, e a sua teimosia inicia na mesma ordem de ideias desde a sua infância onde se observa às vezes, a tentativa de ultrapassar o período de mamar, mas o mundo lhe corta esse direito à força, e mais tarde a criança pode vir a reclamar o seu direito sem saber sobretudo, quando começar a exigir

a prioridade de comer tudo, apesar de tentar educar a criança em vários aspectos da vida, aparecem sempre contradições que se apresentam no andamento da sua vida. Essas contradições são bem conhecidas. Pode verificar-se a indiferença, no seu cumprimento, o que lhe provocará insucessos. A educação apresenta-lhe um desafio daquilo que ele conhece, o que lhe proporciona as virtudes, pelo que o homem avisado vale sempre mais. Ele não se preocupa tanto, ele tenta sempre multiplicar as suas experiências e conhecer o além, até procurar saber aquilo que parece desconhecido a ele próprio. Aí começa a má educação do homem porque nem tudo aquilo que ele encontra neste caminho, diz a verdade. Quando é que o homem ficaria bom apesar de ter carregado alguns conhecimentos para dominar a terra dos homens? A sua presença é contraditória frente à terra dos homens. Ele pensa fornecer excelentes ensinamentos que não parecem nada bons para os interesses dos outros. Ele pretende impor sobretudo com o seu orgulho, o que saiu do mundo onde não se fala a verdade. Sabe qual era a resposta dos seus precursores nesta matéria? Isto nos parece uma doença que não tem cura. Pois o mesmo homem serve-se sempre do seu orgulho, criando um mundo novo aquele que ele não tem, no entanto, capacidade de o fazer melhor.

O homem mau utilizado pelo mundo irreal recebe educação dura, apresenta-se mais inflexível nas suas decisões. Ele é cheio de orgulho e potência. Ele pensa realizar aquilo que lhe parece verdade, mas que é falso no mundo dos homens. Enquanto o mesmo homem para estar satisfeito naquele mundo, são necessários tantos sacrifícios, em seu benefício para melhor celebrarem a sua glória nesta terra. Mas o seu objectivo nunca será realizado na totalidade porque haverá sempre barreira e ele não conseguirá pela força, a frente de todos os homens da terra dos homens. Este afastamento obriga o homem do orgulho a fazer outro mundo segundo a sua

imaginação, onde ele está bem utilizado com muita força, mas duma maneira cega e provisória. Para os devidos efeitos, este homem reveste-se de um poder maléfico que lhe conduz e orienta, mas é limitado na sua estadia, neste mundo, do qual desaparecerá como fumo que vai no fundo do céu. Tudo isto, são os traços, as marcas do homem orgulhoso. Mas ele não se preocupa. A sua desorientação faz-lhe crescer à força sem saber que aquilo é apenas um engano, querer atingir o nível traçado pelos seus interesses pessoais opostos à opinião geral da terra dos homens que lutam pelo bem, pela justiça e pela protecção da humanidade. O homem, sem distinção de raça, é capaz de abandonar-se, seguir os caminhos mesmo que não sejam bons desde que estes lhe apresentem felicidade ainda que seja provisória.

Por esta razão, a paz, a tranquilidade, a felicidade dos homens do mundo real estão ameaçadas cada vez mais pelos indivíduos que se metem em cima dos outros, considerados como homens de alto nível, mas são apenas mestres do mundo imaginário. Mas qual é este mundo? Não é o verdadeiro mundo da terra dos homens que não aceita receber ensinamentos pela força ou pela imposição do homem do mundo irreal? Pois que a terra dos homens é oposta à utilização do homem pelo homem ou à dominação do homem pelo homem.

Mas assim a superioridade do homem em relação aos animais foi já orientada no início da criação do mundo real pelo nosso DEUS TODO PODEROSO. Alguns homens fazem o contrário, e tratam os homens como animais. Eles pretendem educar os homens ao mesmo pé de igualdade dos animais. Por isso, existe um papel fundamental que opera na terra dos homens para melhor proteger a humanidade, é preciso criar prisão, tribunal para educar e reeducar esses indivíduos a fim de serem recuperados. Sabendo que a educação é uma tarefa difícil, complicada que não podemos avaliar nem atingir os seus objectivos a 100%, por exemplo as situações de guerras não deixam

o mundo em paz, perturbam cada vez mais a terra dos homens porque nelas não há verdade, nem benefício pela humanidade onde registamos estragos incalculáveis dos bens materiais e a perda de vidas humanas. Homens, mulheres, crianças e velhos que não fazem peso nas cabeças dos indivíduos maus, orgulhosos e egoístas. Eles enganam-se de serem considerados os mais poderosos do mundo, agem com prazer e pretendem controlar tudo na terra. Mas este homem mau não reconhece que ele usa a inteligência que lhe conduza a tudo, a que não se vende nem se compra em qualquer parte do mundo, a que lhe distingue dos demais animais. Não é verdade? O que é verdade para homem mau, fica mentira para nós. Por isso, os homens que querem dominar os outros homens devem esquecer esta concepção e afastar longe dessa ideia. Esta posição aquece sempre as cabeças dos homens do mundo imaginário. Mas estes não serão capazes de criar o seu próprio mundo, nem implantar a concepção de dominação do homem pelo homem duma maneira definitiva. Mas a teimosia do homem orgulhoso e mau é sempre uma história que se segue no tempo e espaço segundo épocas da evolução da humanidade na terra. Os homens maus desejam vir alimentar-se, perturbar a tranquilidade, a paz da terra dos homens, mas eles encontram dificuldades, resistências de cumprir a sua missão.

Eles reconhecem as suas derrotas. Pois que, na terra habitam homens bem-educados para proteger tudo o que está em sua posse no seu verdadeiro poder e respeitam os seus limites. O homem mal-educado age de sua maneira sem controlo, nem tem em conta o sofrimento das pessoas. Ele esforça-se mesmo com insucessos. Mas o seu fim não lhe agradece, termina como um fio a cabo sem se aperceber. Enquanto a terra dos homens fica a crescer sempre, forte e respira com o movimento dos homens que vão e vêm, o mundo da imaginação termina no pensamento das pessoas, porque ninguém o consegue construir.

2.Introdução.

O homem sucede-se a si próprio, que ele é, a maneira de ser ele próprio um próximo. Ele caracteriza-se no espaço e no tempo. O homem é bom e também mau. Uma coisa feia do homem é de facto de gostar de ser mais feliz no mundo, por isso, aceita com facilidade obedecer, ser utilizado e bem manipulado como se fosse um objecto no mundo irreal. Neste contexto, o homem torna - se mais perigoso, incompreensível e complicado. Pois, este homem sabe muito bem que certas coisas são perigosas mesmo aqueles que viveram esta situação, encontraram dificuldades e morreram. Mas este homem quem vê e ouve não vai ter em conta determinadas realidades.

Contudo, ele não conseguirá atingir os seus objectivos, desaparecerá apesar de deixar alguns traços e algumas histórias gravadas em todos os tipos de livros, porém tudo isto, não conservará a mesma potencialidade de fama que diminuirá no percurso da evolução do mundo e acaba já, pois tudo neste mundo acaba.

O que nós vivemos da superioridade dos homens maus, tudo isto, é próprio dos homens ambiciosos, orgulhosos que não têm outro pagamento grave de se procurar fazer matar duma maneira gratuita.

A linguagem "**Eu**" nos parece enganadora. É a fraqueza do homem egoísta, que lhe traz fatalidade, enquanto «**Nos**» é mais seguro, eficaz, durável e aceitável na terra dos homens. Terra viva, terra da verdade. Na terra dos homens, nega, o homem que se identifica pessoalmente mais poderoso, bravo, heróico, gigante porque ele é homem modelo no mundo imaginário, instável. Tudo isto está no quadro provisório daquilo que acontece no domínio de má educação, porque essas situações se realizam com intenções de adquirir benefícios individuais, particulares. Esta forma de agir compromete o bem-estar da sociedade, não conjuga com os

objectivos, com os interesses de evolução da humanidade. Por exemplo, Sócrates (468-399 a. C.), filósofo grego, ensinava a gente ao ar livre, na rua. Ele caracterizava-se na sua época nesta celebridade que não incomodava ninguém, nem representava perigo na sociedade. Esta forma era boa educação transmitida no interesse do povo do seu tempo que deu origem às outras ciências sociais. Quando sabemos, o que está feito pelo bem da humanidade, é sempre bem-vindo, pois que não vem queimar e destruir os corações das pessoas, mas pelo contrário, fortifica-os, alimenta – a na verdade educação do desenvolvimento da justiça humana. Outro exemplo, é da civilização Romana onde a glória se adquiriu com preço da vitória nas grandes lutas que sobram sempre na perda da vida humana onde Júlio César (101-44 antes C) ditador romano, grande admirador dos vencedores nas lutas bem organizadas entre os homens cavaleiros utilizando espadas, ele detestava os vencidos quem caíam durante o combate, sujeitos à serem mortos de imediato.

Essa educação deixava más lembranças nas cabeças das famílias porque, cada vez mais havia muitos mortos. Os familiares estavam ansiosos e com medo de gritar para chorarem os maridos, queridos amigos, etc. Tudo isto, trazia prazer a Júlio César. Ele não se preocupava com a infelicidade das famílias porque era a sua iniciativa. Júlio César era homem de orgulho, de honra que não dava oportunidade aos homens para se defenderem. Neste contexto, a terra dos homens não admite estes tipos de brincadeiras. Júlio César terminou mal e foi traduzido pela justiça porque ele se comportava como mestre do seu tempo, mas a terra dos homens decidiu para ele outra coisa (a morte).

Um Caso quase idêntico é o de Alexandre -o- grande, (356-322 a. C.) guerreiro das forças armadas Helenistas (grego), rei de Macedónio, foi reconhecido no mundo pela sua contribuição na educação Helenista. Alexandre era um homem muito ambicioso, orgulhoso,

batalhador, mas a terra dos homens não lhe deu tempo para continuar a viver e morreu mais cedo, em idade mais ou menos de 30 anos, deixando muitos projectos que não foram realizados, apesar de ter oportunidade de receber boa educação dum grande filósofo grego Aristóteles. Ele não abandonou as suas ideias de ir longe nas suas conquistas. Aristóteles foi o homem que nos deixou a cultura em prol do desenvolvimento da humanidade, de geração em geração. Às vezes, o homem se apercebe muito bem das situações perigosas que não lhe dizem nada naquele momento, pensando que ele vê, mas ele não vê nada ou ele ouve, mas ele não ouve nada e mais tarde estes caminhos lhe trazem infelicidade, miséria e até a morte. A terra dos homens recusa-se a ser educado à maneira da vontade do homem orgulhoso, mas educando segundo o homem que sente a pena dos outros. O homem que não tem intenção de fazer sofrer o seu próximo, do homem que não quer se meter acima dos outros. O mundo não pertence a ninguém. Certo, o homem distingue-se do animal pela sua inteligência, o que lhe confere o poder de dominar os animais e tudo o que está à sua volta.

O homem não deve prontificar-se mais do que a natureza porque ele não conhece o fundo da natureza. Na verdade, o homem pretende ser mestre da terra, ele experimenta conhecer a terra dos homens, mas dentro de seus limites e com respeito. Ele é então diferente do homem orgulhoso, é o homem que pensa virar, mudar a forma de viver na terra dos homens. É uma doença que não tem cura porque cada vez mais aparece esse tipo do homem mau, em cada época no andamento da evolução do mundo real.

A história de Alexandre, o Grande, Júlio César e Sócrates que viveram antes de Cristo, convida-nos a apresentar uma grande reflexão e poderia ser uma chamada de atenção para escolher a boa maneira de agir nesta terra dos homens. Mas não tem sido assim, pois que a terra dos homens é sempre sujeito aos acontecimentos

dolorosos. Virando a página, depois de Cristo, aparecem homens mais ambiciosos e cheios de imaginação poderosa para levar as suas conquistas até ultrapassar as fronteiras da França como Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador da França. Mas isto foi um sonho difícil de realizar. Ele não conseguiu e terminou o seu percurso no exílio numa ilha de Santa Helena.

E chegou o tempo do homem que se identificava como o homem mais poderoso do mundo (Hitler 1889-1945) no século 19, homem político Alemão tinha ideia de conquistar o mundo. Ele acendeu o fogo da 2ª Guerra Mundial, mas ele foi derrotado, pois a terra dos homens entendeu que teria de o tratar de outra maneira, graças ao consenso e à união que faz forças dos países aliados. Hitler desapareceu, ninguém conhece o seu paradeiro. O seu corpo não foi encontrado. Ele não assistiu de que maneira a Alemanha foi invadida pelos aliados.

As ambições do homem orgulhoso, desobediente às leis da terra dos homens acabam sempre vencidas. Elas nascem em cada época. Mas o homem é sempre o mesmo que não quer ter consciência daquilo que aconteceu com os outros como dos insucessos. Ele fecha os olhos e as orelhas para querer fazer ele próprio, transmitir aquilo que ele pensa, educar as pessoas de sua maneira, o que não é possível ser admitido na terra dos homens. O caso de Hitler era mais claro: quis dominar o mundo à sua maneira. Ele não respeitava às outras nações. Ele criou vários campos de prisão onde se encontravam homens, mulheres, crianças e velhos em más condições. As famílias capturadas tentaram meter-se em fuga em vão. As crianças choravam pelos pais e vice-versa. Essa calamidade humana honrava Hitler. Esta situação devia parar, pois que a terra dos homens deve se conduzir no outro campo para tomar decisão de travar as manobras de Hitler porque a educação de fazer sofrer a humanidade era do próprio Hitler. É essa educação que nos interessa apresentar

ao tribunal para fazer a justiça. Tudo o que não é a favor da humanidade, impõe os indivíduos para aceitar à força. Isto passa-se sempre nas mãos da terra dos homens, mundo da luz e da justiça. Quem combate para ser glorificado, inventa muitos truques, procura meios, formas para triunfar, para receber tudo em seu favor mas ao fim ao cabo termina sempre mal. Quem combate a favor do povo virá para ele o mérito, porque o que inicia bem termina sempre bem. O que inicia mal no seu percurso, anda com muitos siga-zagas e termina com dificuldades. A Concepção da guerra criou a ideia da catividade dos homens em detrimento dos outros homens que se explicam através do mundo de escravagismo onde há imposto do homem pelo homem, quer dizer que o homem se transforma como instrumento de outro homem. Isto não é boa postura para o homem. Este homem vem ultrapassar já os limites porque não lhe foi dito no início do mundo de maltratar o seu próximo. Para o seu orgulho e para a sua desobediência, o homem age desta maneira. Ele mexe naquilo que não deve mexer. Olha! Aí é donde vem a nossa maldição? Desde que nós tenhamos aquela educação do mundo de imaginação, irreal, de enganador, nós recebemos outro consenso.

Neste mundo, nem sempre há verdade. Sabendo disso, o homem segue este caminho guiando pelo seu orgulho. O homem sabe que a situação de escravagismo deve acabar nesta terra dos homens. Mas, é mentira! O homem desobediente continua a utilizar e mudar as formas novas, modernas para tapar as vistas do mundo e mostrar que o que ele faz tem a vida, enquanto não é na verdade.

O objectivo deste modelo de vida é querer explorar o homem que está mais próximo de ti. Procurar fazer trabalhar mais os indivíduos com pouco pagamento; forçar a trabalhar os indivíduos para acabar rapidamente o trabalho durante longo tempo sem comer nem beber água; obrigar os indivíduos a trabalhar no silêncio absoluto, mesmo para urinar, os minutos são contabilizados. Para transportar os sacos

de cimento deve fazer-se uma selecção judiciousa das pessoas com condições físicas. A poeira que voa no meio dos trabalhadores pode vir trazer doenças, mas mesmo assim o patrão não se preocupa; ele grita para acelerar o trabalho! Qual é essa forma de educação? Qual é esta maneira de tratar as pessoas? Você patrão, não vai querer ser tratado desta maneira como os seus trabalhadores?! Mas por inverso, o patrão considera as pessoas como se fossem objectos ou animais. Isto é nova forma de esclavagismo. Tomar iniciativa de utilizar as crianças dos outros sem ter em conta a idade, também é prejudicial. Se pedimos que as suas crianças fazem o mesmo, você não vai aceitar. Aquilo que nós não mandamos fazer às nossas crianças, seria de igual modo, o que não devemos experimentar mandar fazer aos filhos dos outros, porque também são iguais aos seres humanos. Se o fizermos, violamos a lei natural. Neste contexto, essas crianças não vão crescer em boas condições. Muitas vezes, as crianças ficam traumatizadas, pois todas as culpas são deitadas em cima delas, elas não têm paz, tranquilidade de espírito. Elas não passam bem as suas noites. Elas andam com pensamentos demasiado no ar e com as ideias desviadas.

Assim, nós estamos a construir uma sociedade doente. Estamos conscientes disso, mas continuamos a agir no mesmo ritmo. A nossa sociedade contém: delinquentes, gatunos, assassinos, enganadores. Quem é responsável? Somos nós, tu, você, ele, ela que não aplica devidamente a lei da humanidade. Conhece bem essa lei mas não quer saber, nem ligar ou seguir. Enquanto tudo isto é condenável na terra dos homens. Terra da luz, terra da verdade.

3. Educação sem papéis dos pais de nossos pais (em África) e seus convenientes.

Louvamos, às vezes, alguns esforços observados através dos pais de nossos pais em África concernentes à organização da família. O que eles transmitem como educação de base às experiências quotidianas. Naquele tempo a educação começava a partir dos pais, dos adultos até mesmo aos mais pequenos. É a educação piramidal que obedece a todo nível de idade da família, cuja hierarquia tinha o respeito de todos. Na mesma ordem de ideia, a família era mais ligada, compacta, e mais consolidada, indivisível. A educação revestiu-se de um carácter da honra e fazia felizes os membros da família. Não havia estruturas oficiais. Toda organização funcionava ao nível da família ou entre as famílias. Para melhor viver, era preciso trabalhar em união com o espírito de ajuda mútua. Mas de qualquer maneira, era preciso bem preparar a base da família para que as coisas pudessem seguir as ordens precisamente na educação, formação do futuro dos filhos em família.

A educação sem papéis é a educação de ter responsabilidades mais cedo na família. Isto era o modelo da educação dos pais de nossos pais aqui em África. Dum lado do sexo masculino, a responsabilidade é da orientação do pai e na parte do sexo feminino, a responsabilidade é da mãe. Aí constatamos que as meninas de 12, 13 e 14 anos sentiam-se mais felizes por serem chamadas mães pequenas porque elas têm noções da educação de como cuidar bem o pequeno filho e os restos dos irmãos em família na ausência da mãe. Tudo ia bem com as instruções recebidas da mãe. Sabemos que essa mãe pequena não sabia ler nem escrever porque não havia escola nem estrutura oficial do Estado naquela época. Mas o tempo é definido segundo a posição do sol, quando este se encontra no meio da cabeça, isto significa que a pequena mãe deve já preparar o almoço para o pequeno filho e para os outros e depois, ela deve dar

banho ao pequeno para lhe preparar a dormir. Quando ele chora, a mãe pequena tenta a calmar-lhe, utilizando boas canções tradicionais, fazendo movimento de vai e vem com o pequeno virado nas costas ou lhe faz sentar entre os seus joelhos bem cruzados onde o pequeno vai dormir calmamente e mais tarde será posto no sítio adequado para consumir melhor o sono. O resto do tempo, ela distribui a comida como funje com condutos aos outros irmãos quando estes estão presentes. Ela não se responsabiliza só para dar alimentação, mas também ela pode lavar a roupa, os vestidos do pequeno filho, bem como de seus irmãos. O dia chegou no fim. No regresso da mamã, à mãe pequena não faltará fazer um pequeno relatório oral do pequeno filho de seu estado de saúde e sobre o comportamento negativo ou positivo dos irmãos no acompanhamento de seu trabalho de casa. O trabalho da pequena mãe pode parecer mais extensivo porque a mamã pode sentir-se abatida pelo grande trabalho da lavra. Ela não terá a preocupação para o resto dos trabalhos de casa porque a mãe pequena tem hábito de os fazer, como cartar água para beber e para tomar banho, lavar as panelas e loiças; assim como preparar o jantar para casa, reunir os seus irmãos à mesa para comer. Tudo o que a mamã faz em casa, a mãe pequena também sabe fazer, graças à educação permanente de sem papéis de sua mãe. Enquanto o pai pequeno sabe fazer o que o seu papá faz na sua ausência. Ele conhece a pesca ao longo do rio, fazer armadilhas para apanhar ratos, pássaros e outros animais pequenos como coelhos, etc. para o consumo da casa. Ele acompanha o papá nos mercados à distância, fora de sua aldeia. Ele pode vender mercadorias na ausência de seu papá. Sabe fazer os blocos de terra, ir cortar arbustos na floresta e capim para construir casas de bloco adobe, sabe manter a ordem em casa sendo representante do pai em qualquer assunto de casa. Ele pode assistir uma reunião urgente convocada pelo chefe da aldeia ou soba, caso o seu pai não estiver. Ele entende -se com muita facilidade com seus irmãos e irmãs, na

troca de palavras, opiniões sem usar a força, imitando a imagem de seu papá. A saúde do pequeno filho pode vir incomodar a família, como a falta de apetite para comer porque isto se relaciona a preocupação de toda casa. De tarde, todos metem-se à volta do pequeno filho, para lhe dar força de beber medicamento tradicional preparado pela mãe de acordo com o pai. É preciso convencer o pequeno filho para respeitar as instruções da medicação.

A família fala sempre a mesma linguagem, o seu desejo é de ver o pequenino curado. Para isso, os membros da família procuram truques, maneiras para convencer o pequenino filho. Este pode vir obedecer mais tarde a palavra dum dos filhos amados para ele ou aquele que brinca muito com ele. Após receitar o medicamento com sucesso ao pequeno filho, toda a família bate palmas acompanhadas por gritos de alegria. Esta forma de agir dos membros da família testemunha o verdadeiro amor em família da educação sem papéis. As súplicas enganadoras dos membros foram formuladas fortemente para atrair a atenção do pequenino. Por exemplo: «bebe só para não ser apanhado pelo macaco», «Bebe medicamento para te comprar mangas», «Bebe medicamento, vou meter-te nas costas para ir brincar com os filhos do vizinho.» Neste caso, o pequenino fica muito atento com as palavras enganadoras e depois pode concordar com as palavras que ele acha mais interessantes. Essa é a boa política na educação das crianças em vez de usar a força porque o ser humano sente orgulho de ter uma consideração em si próprio, com a família e em sociedade, a qualquer idade. As crianças apontam os dedos a uma coisa de que elas gostam segundo a sua vontade. A força não arranja nada no meio das crianças. Se a família insistiu muito para beber medicamento com um objectivo de que o pequeno possa ter boa saúde rapidamente. E não houve outra forma de chegar ao objectivo, senão, era de sensibilizar toda a família a tomar providências neste assunto, usando as tácticas ou truques, sabendo

que naquele tempo não havia médico, nem enfermeiros para se servir da deontologia profissional no campo medicamentoso. Isto nos dá a entender que os mais velhos tinham sabedoria de arranjar formas para ultrapassar as suas dificuldades. A educação sem papéis traz frutos na família, e muitos sucessos na sabedoria dos nossos grandes parentes. A mãe tinha como actividade principal a agricultura, mas seria impossível ir trabalhar na lavra de boa vontade e ter mais produção se não houvesse a ideia de iniciar, apreender, educar a filha a tomar responsabilidade de casa, de substituir-se como mãe o que nós chamamos de mãe pequena. É mesma coisa do lado do pai que pensa instruir o seu filho, com ansiedade de ter uma segurança em família na sua ausência, ele educa o filho à maneira de comportar - se no meio de seus irmãos e irmãs concernentes às situações de casa em geral. Ele deve tomar a postura do pai, o que nós chamamos de «pai pequeno». Ele tem um papel importante de aconselhar sem distinguir raparigas como rapazes, e de manter bom ambiente e respeito mútuo.

Uma coisa feia que nós podemos condenar neste tipo da educação sem papéis é a transmissão da bruxaria que vai de geração em geração. Essa prática não traz benefício, nem paz no meio das famílias africanas. Os membros da família queixam -se, acusam-se entre si de vez em quando pelas manobras dos bruxos que têm vindo causar estrago humano. O que não é bem-vindo na consideração do mundo da luz, terra dos homens, terra da justiça, contrário do mundo das trevas. As pessoas que seguem o caminho da sombra conhecem as consequências aos membros da sua família onde homens, mulheres e jovens inocentes perdem a vida sem causas justas. Por isso, nós condenamos energeticamente a bruxaria. Aconselhamos à geração nova a não seguir o caminho do mundo das trevas porque se os mais velhos estiverem interessados neste assunto, claro que eles tiveram conhecimentos limitados sobre o valor do homem. O nosso

pensamento é diferente neste momento. O homem não só ele tem valor na família, mas também na sociedade e no Estado. Naquela época dos pais de nossos pais, os indivíduos indisciplinados, gatunos, adúlteros, prostitutas dentro da família, eram vendidos ou trocados com outras famílias para salvaguardar honras. Os mais velhos consideravam os membros de família como reféns, isto significa que os membros da família não têm nada a discutir com o chefe da família, é ele quem decide: nos casamentos, nos óbitos, a qualquer assunto familiar. A família deve obedecer por duas tendências: parte paterna (na parte do pai) e na parte materna (parte da mãe). Se o pai é bruxo, ele não deve fazer mal aos filhos sem autorização dos tios, chefes de família do lado da mãe. Com muitos esforços podemos vencer a batalha contra a bruxaria aqui em África? Com o tempo e pouco a pouco podemos diminuir ou minimizar situações da bruxaria. As autoridades africanas podem vir a resolver este problema estudando bem as formas de o combater.

Se o homem consegue investigar muitas situações e encontra soluções em algumas dele porque não o fazer para a bruxaria que traz miséria nas famílias africanas? Certo, isto leva tempo, mas vamos sempre educar, fazer compreender, instruir em primeiro lugar os jovens a abandonar a mentalidade feia dos mais velhos. O problema é a teimosia do próprio homem que não gosta de deixar a sua má postura apesar das consequências que lhe são nefastas.

4. Educação dos Papéis (Época Colonial) com Chicotes.

O homem colonial que penetrou em África encontrou problemas sérios, obstáculos e resistências ao conversar com os indígenas chefes da terra. Neste contexto, ele achou melhor começar a educar a família (pai, mãe, filhos). Isto identificou-se como primeiro processo na colonização e civilização do povo africano. A educação no tempo colonial foi uma grande preocupação dos colonos, tendo em conta a grande população que não sabia ler nem escrever. A taxa de analfabetismo era maior nos países africanos. Uma pergunta vinha sempre na mente dos colonos: como contactar ou meter-se no meio do povo não civilizado? Sabendo que a política principal dos colonialistas era de colonizar e governar os povos africanos, aqui impõe-se a política de dominação do homem pelo homem, um pouco diferente, portanto, da época do escravagismo onde era mais sofrimento dos indivíduos, com a mesma aplicação da lei da força, era sempre boa, para melhor reinar. Essas duas épocas (escravagismo e colonização) não ficaram definitivas porque os objectivos dos homens maus foram travados, afastados pela luz da terra dos homens, terra da justiça. Os colonialistas que meteram os pés em África, tiveram intenções de governar até imaginarem ficar de vez em África. Eles chegaram a nós para impor à força a sua forma da educação.

É evidente que os colonialistas nos trazem a sua civilização, mas também o sofrimento, pois o lado da boa educação fazia acompanhar-se de má educação como a do chicote. Eles trabalhavam para desenvolver a África, mas muitas situações pareceram intoleráveis, prejudiciais, inumanas nos povos africanos. No início da colonização, os colonialistas comportavam-se muito mal com tanto orgulho e exigências. Eles pensavam que a política da força poderia mudar rapidamente a mentalidade dos indígenas. Aquilo não pegou.

Eles fizeram marcha atrás. Eles encontravam-se a viver à distância dos indígenas. Eles constroem grandes cidades onde eles pensavam viver em paz, harmonia, tranquilos como se fossem eles os donos da terra, mas não era outro mundo, pois eles viveram sempre juntos com os indígenas na terra dos homens. E pouco a pouco, eles interessavam-se em procurar ganhar a confiança dos chefes das aldeias que eles utilizavam como seus porta-vozes perante os indígenas.

Eles constatavam que as mensagens foram bem recebidas pelo povo com facilidade sobretudo no tempo de fazer o recenseamento da população. E cada indivíduo na família recebia a sua carta como recenseado.

Na mesma ordem de ideias, o Estado distinguia a cor dos cartões para facilitar aos indígenas na sua identificação. Por exemplo, quando se trata de cartão medicinal, se identifica com a cor azul, cartão de inspecção sanitária com a cor verde, a carta de recenseamento com cor vermelha. A presença de cada membro da família era obrigatória. Toda ausência devia ser justificada junto do chefe da aldeia, representante legal do Estado. O chefe da aldeia tinha um papel importante na sensibilização do povo no que diz respeito ao pagamento dos impostos, tanto como na época de recenseamento da população e à importância da presença de cada membro da família.

O não cumprimento era sancionado e seguido conforme as leis vigentes do Estado colonial. E cada indivíduo era exigido de exhibir esses documentos em tempo oportuno. No caso contrário de sua exibição ou exibição incompleta, este indivíduo era punido com multa e encaminhado às autoridades competentes. Desta forma, os indígenas esforçaram-se em identificar-se e conhecer o nome das cartas exigidas através das cores. Esta forma de exigir o conhecimento de documentos através das cores, aparecia como

sucesso da educação dos papéis às pessoas que não sabiam ler nem escrever. No mesmo tempo, era uma educação política do Estado que permitiu de ter contacto directamente com o povo indígena. Podemos deduzir que a educação dos papéis funcionava tanto para os analfabetos como aqueles que sabiam ler e escrever. Sabendo que a taxa de analfabetismo era mais elevada no tempo do estado colonial em África.

Os africanos trabalhavam muito no desenvolvimento dos seus países, na construção dos caminhos-de-ferro, caminhos da terra batida, nas fazendas de café, de algodão, de feijão, etc., com chicotes. Não compreendemos essa atitude dos colonos, portanto eles nos ensinavam (os missionários) a Bíblia como diz a canção do profeta Simão Toco no qual lemos a palavra amor (amar o próximo). Isto não foi seguido pelos colonialistas, pois eles nos maltratavam, às vezes como animais, com chicotes, com os trabalhos altamente forçados, castigos exagerados. O homem colonialista entendeu conduzir a África de sua maneira.

Esta exploração do homem pelo homem não podia ser aceite na terra dos homens, porque aquilo que o homem colonialista fazia aqui em África, apareceu mais tarde como sujeito no tribunal dos direitos humanos. Tudo isto está no consenso de orgulho, da desobediência, de honra do homem mau no seu mundo da imaginação. Os africanos lutavam, queixavam – se de sofrimento. A educação dos papéis imposta pelos colonialistas aos africanos veio trazer bons resultados, apesar de tudo.

Afinal os colonialistas eram bons dum lado porque eles nos guiavam devidamente nos bons caminhos para saber nos conduzir nos nossos países, mostrando a sua superioridade para melhor reinar e bem dirigir. Desde a escola primária, os colonialistas nos ensinaram a tomar consciência dos trabalhos da escola através de canções como

«Crianças não façam muito barulho, estão a ser educadas para o futuro do vosso país» naquela altura da infância a compreensão era pouca. Os mestres e monitores repetiam sempre a dizer que «As Crianças são futuros do país» para ter amor no estudo, para adquirir formação para futuramente servir o país. Por isso, fala-se na canção que **«O aluno que vai à escola não deve passar o seu tempo a brincar no caminho, mas preocupa-se com o tempo que passa»**. Tudo isso era graça da educação dos papéis que nos alertava para coisas importantes na vida através de canções que se encontravam dentro dos programas escolares do colonialista, mas com acompanhamento do chicote. Os mestres do tempo colonial batiam muito com ordem de seu patrão (director da escola). A educação dos papéis começou dar frutos a partir da escola primária até à universidade porque o facto de aprender a ler e escrever, dava coragem para enfrentar as provas ou exames de passagem de classe e tomar consciência não só das tarefas da escola, mas também do trabalho manual, por exemplo, limpar com enxadas, catanas, paus à volta do perímetro da escola. Nas grandes cidades, a política era de manter rigorosamente a disciplina nas escolas, obrigatoriedade de assistir ao culto de Domingo através do cartão da presença. Puniam-se os alunos que faltavam à igreja com chicote e convocavam os pais para justificar, caso contrário o filho não podia entrar na escola. Nas aldeias existiam castigos especiais da escola aos alunos, como trabalhar nas lavras, colher lenhas dos monitores na floresta, participar na construção da escola, fazer os blocos de adobes e outros. Os alunos e pais eram maltratados pelos colonos. A mesma doença de apanhar chicotes passou para a escola aos mestres que tratavam mal os alunos e finalmente o mesmo modelo de chicote sentiu – se nas famílias onde os pais o aplicavam aos seus filhos, mas utilizavam pouco produto de gindungo (pili pili) para reforçar a disciplina. A delinquência juvenil vinha já bater à porta naquela época colonial porque muitos alunos fugiam das escolas e muitos filhos não

gostavam de ficar junto de seus pais maus, que acharam melhor viver com as tias, tios ou avós, sem controlo, eles eram apanhados nos caminhos pelo Estado e encaminhados aos campos de Concentrações para aprenderem uma profissão e nos centros sociais para jovens mulheres a fim de tirarem um curso como manter a boa organização dum lar, curso para a culinária. Este tipo de aprendizagem salvava muitas jovens mulheres na preparação como futuras mães e donas de casa.

Os jovens rapazes eram formados nas várias profissões como: carpinteiros, alfaiates, pedreiros, electricistas, mecânicos, pintores, etc. Todas as profissões eram programados no campo de reeducação, seguidas pelas assistentes sociais e pelo tribunal. O Estado colonial tomava grande consideração nos problemas da delinquência juvenil e preparava condições de estudo para os jovens. Eram formados neste contexto, futuros quadros que participavam no desenvolvimento dos países africanos. Os colonialistas eram bem armados até aos dentes aplicando aos indígenas a disciplina de ferro (com chicotes), mas eles nos formavam também e nos protegeram. Hoje, os problemas da delinquência não estão nada bem tratados nos países africanos como era no tempo de colono. As estruturas competentes estão paralisadas e trabalham com muitas limitações, com pouca organização alegando a falta de dinheiro enquanto o problema das eleições de miss ganhou grandes terrenos nos países africanos. A educação no tempo colonial apresentava um eco maior nos países africanos para distinção do mérito e reputação das escolas secundárias e universitárias a nível nacional como Internacional.

Por exemplo algumas universidades reputadas dos países africanos e europeus naquele tempo do colono: Universidade de Dakar (Senegal), Universidade de Louvanium (Congo –Léopoldville, actual Congo-Kinshasa, ou R.D.C), Universidade de Acra (Ghana); ao nível da Europa: Universidade de Coimbra (Portugal), Universidade de

Sorbonne (França), Universidade de Oxford (Inglaterra) e outras. Essas universidades formaram muitos dirigentes dos países africanos. As escolas primárias e secundárias foram postas na imagem dos colonialistas com programas metropolitanos.

Os alunos como futuros quadros do país, eram preparados para ter boa base e conhecimentos sólidos para solução dos problemas do país. Por isso, existia concorrência entre escolas onde o próprio Estado, companhias privadas, acharam melhor ir buscar os melhores alunos, os brilhantes, que podiam ser admitidos como trabalhadores capazes de dar bons rendimentos. Os internatos foram criados no âmbito de tentar cimentar os hábitos de disciplina no espírito dos cidadãos e consenso de tomar responsabilidade. Os alunos que viveram nos lares naquele tempo mostraram boas condutas nas famílias como na sociedade. Pois que os lares eram considerados como outro mundo escolar onde a disciplina era mais rigorosa. Nos lares, tudo era cronometrado, tudo posto em ordem seguido com respeito e obediência. Por isso, os futuros casados preferiam fazer escolha a partir das escolas, nos internatos de jovens mulheres e jovens rapazes que são assim os futuros pais e mães no quadro da educação dos papéis cuja boa parte atingiu a idade de 20 a 25 anos. Enquanto na educação sem papéis a responsabilidade na família iniciava mais cedo na idade de 12 a 15 anos porque a aprendizagem das noções familiares era apreendida de imediato a partir dos pais. Essas noções são mais eficazes e mais duráveis.

Os jovens casados tradicionalmente no quadro da educação sem papéis, ficavam sempre à disposição e no controlo dos parentes biológicos, quer dizer, viver sempre a seu lado no mesmo quintal. Neste contexto, era raro acontecer casos de divórcio nos novos casais porque os parentes prontificavam -se como conselheiros.

Este modelo de viver dos pais de nossos pais facilitava a transmissão da bruxaria dentro das famílias onde os membros se acusam mutuamente. E com a extensão das famílias, a possibilidade de separação das famílias identificava-se mais rápido nos conflitos agudos, este sistema não dava garantias às famílias, a união entre os membros da família era mais fraca. No tempo dos pais de nossos pais, os nascimentos das crianças em família eram também considerados como grandes eventos. Os mais velhos organizavam grandes festas para o efeito. Os casos de aborto também aconteciam, mas muito raramente. A maneira da vida dos jovens parentes no quadro da educação dos papéis não oferece muita garantia apesar de terem autonomia de se encontrar longe dos pais biológicos. A separação das famílias e as situações do aborto estão sempre na porta dos lares onde os conflitos, forças e exibições de superioridade entre os maridos e esposas intelectuais são mais observados, mesmo com as intervenções ocasionais das famílias, das Igrejas e do Estado. A educação dos papéis veio contribuir para a divisão das famílias porque vai existir dentro da família pequenas classes como os comerciantes, religiosos, agricultores, desempregados, delinquentes, jogadores, etc. e cada uma destas classes pretende tirar os seus benefícios e conduz – se com egoísmo e deseja que haja outra classe baixa para ganhar mais prestígio, se há emulação nas famílias porque a confusão instala-se dentro das famílias ditas moderno-africanas.

A concepção das jovens mães e dos jovens papás na educação dos papéis é muito diferente das pequenas mães e pequenos papás na educação sem papéis porque estes últimos assumiam mais cedo com idade menor as responsabilidades de pai e de mãe em substituição na família e vivem quase com a mentalidade do costume, com mais amor dos pais até ao pequeno filho.

Esses hábitos continuarão até nos seus futuros lares. Muitas vezes, nos casamentos do tempo dos pais de nossos pais, os jovens deviam

obedecer a vontade de escolha dos parentes do futuro marido ou da futura esposa. Condenamos este modelo do casamento.

Quanto aos jovens papás e mães, apenas tiveram as responsabilidades na idade dos adultos e ficam fora de seus pais biológicos no quadro da educação dos papéis porque eles tiveram já formação escolar. Neste caso, os jovens papás e jovens mães podem ser considerados directamente como parentes intelectuais modernos. Aí existe pouco amor em família onde poderia haver também divisão ou classes entre os membros, cada uma das classes tira sua parte dos benefícios, existe espírito da concorrência, pouca união dos membros de família, em geral, trata - se aqui da desconsideração do costume.

Finalmente as influências coloniais tiveram tendências nas mudanças, embora o nosso pensamento fosse sempre crescer sem saber que o sofrimento era uma situação efémera e passageira e os nossos famosos músicos africanos profetizavam: Henri Eyenga Congo Léopoldville (Congo Kinshasa, actual R.D.C.) que «Mais tarde o mundo poderia vir a mudar». Concretamente a situação no Congo mudava pouco a pouco, os congoleses serão livres; Depewe (Congo Léopoldville) cantou penas, o sofrimento da prisão. Ele viveu e viu as formas como as pessoas eram tratadas na prisão. Ele alertou os seus conterrâneos para terem cuidado, evitar passar o seu tempo na prisão pois que a prisão no tempo colonial já era um inferno onde se tratava os indivíduos como animais. Antes de entrar na prisão, o indivíduo passava pela etapa de castigos físicos como pontapés, chicotes, enzimas nos braços. Franklin Bukaka de Congo Brazzaville, na sua canção, incitou os africanos a tomar consciência da opressão dos colonialistas que vitimava muitos filhos africanos como Emery Patrice Lumumba (R.D.C), profeta Simon Kimbangu (R.D.C.), Albert Mathoua (R.P.C) e outros. Havia ainda alguns presidentes que lutavam para a libertação do continente de África, presidentes como

Huphuet Bwany (Costa de marfim), Sécoutouré (Guiné Conacry), Kwame Kruma (Ghana), Bem Bela (Algerie), Jomo Kenyata (Kenya), Kaunda (Zambia), Nyerere (Tanzania), Franklin Bukaka citou esses nomes de leaders africanos que podem ser seguidos como exemplos na luta contra o colonialismo. Reconhecemos também a intenção dos presidentes Agostinho Neto (Angola), o seu desejo na libertação total dos países africanos para luta incansável. O presidente Nelson Mandela (África do Sul) lutava contra o racismo, e independência dos países africanos. A opressão colonialista em África passou no tempo e no espaço incomodava o espírito dos africanos que esperavam mudanças em algumas das dificuldades e sofrimentos no tratamento imposto na construção, evolução dos países africanos simultaneamente com a civilização. Por exemplo no domínio da literatura, alguns africanos eram destacados como Leopold Sedar Senghor (Senegal), grande Escritor e membro da academia Francesa, Henri Câmara Lay (Guiné Conacry), Cheick Anta Diop (Senegal) e outros que trabalharam muito para valorizar a cultura da Negritude no âmbito da literatura africana, conhecidos como autores de algumas obras brilhantes. Por exemplo, numa das frases do texto de Camara Lay nos aparecem chocantes e revoltantes: «Não vou à escola, prefiro ir trabalhar na lavra de meu avô onde irei ter a liberdade e oportunidade de apanhar pássaros, gafanhotos, ratos, etc.» Na época colonial, a escola dava medo porque os alunos às vezes eram maltratados com chicotes e outros castigos. O aluno era obrigado a respeitar com rigor o horário de entrada na escola, meter os cadernos em ordem sem rasuras, as tarefas em dia, batas limpas, calças, camisas da escola bem engomadas, o aluno deve cumprir essas recomendações. Fora disso, o aluno era sujeito aos chicotes ou voltar para casa até a justificação dos encarregados da educação na escola. Em princípio, os africanos precisavam de ter boa formação nas escolas, mas não aceitamos o tamanho da disciplina imposta pelo colonialista.

Os homens das letras Africanas fizeram grande referência, às críticas contra colonialismo nas suas obras literárias. Ainda existe uma pletora dos escritores africanos que não podemos citar todos os nomes nem expor os seus talentos neste momento. Foi reconhecido também um escritor Angolano bem reputado como Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) que «confirmou o seu lugar no destacamento da literatura lusófona» cujas obras estão cheias para inspiração na libertação do homem.

Contudo a cronologia da história da terra dos homens, nos ensina que após o término do tempo do escravagismo, vem em seguida o tempo das Grandes Guerras, 1ª e 2ª guerras mundiais, por razão de orgulho e da procura da supremacia do homem pelo homem enquanto aquilo não foi definido no início da criação da terra dos homens, mas então o poder verdadeiro do homem é de dominar os animais e explorar a natureza segundo os seus conhecimentos.

O homem vive melhor no meio da natureza, mas ele vira as costas ao que foi dito pelo próprio dono da terra e dos céus, Deus Eterno. O homem quer interpretar a natureza da sua maneira. Isto é a desobediência da lei da natureza o que vai provocar conflitos entre os homens. As grandes guerras terminaram apesar de tudo, graças à união da terra dos homens que venceu o homem de orgulho e seus aliados. Sabendo que tudo deve estar aos pés de igualdade nesta terra dos homens, quem tenta meter-se acima dos outros será combatido sempre pela terra dos homens. É uma lição imposta aos homens orgulhosos que tentam impor aos outros a sua educação pela força ou pretendem incomodar a tranquilidade, a paz da terra dos homens. Nada foi a resignação deste homem de orgulho quem invadiu África e no início pensou ficar definitivamente, se esforçando por transmitir gota a gota a sua mentalidade, reconhecer a sua autoridade, guiando e incentivando os africanos a formar-se em todos os domínios importantes para dirigir os seus países no futuro. Eles

prontificarem-se como bons mestres dum lado, mas também como os maus, utilizando chicote, trabalhos forçados, prisão dura e infernal. Os colonos pretenderam nos educar desta maneira, mas não é assim como a forma de tratar os animais. Condenamos essa má educação. Os grandes eventos como esclavagismo, as guerras mundiais, guerra contra o colonialismo, guerras entre os povos, guerras religiosas, viraram muitas intenções e foram examinados nos tribunais internacionais nesta terra dos homens. A base destas tragédias, manobras desumanas é sempre o homem mal-educado. Os africanos deixaram cair o homem colonialista graças à longa luta de libertação de seus países e com o concurso de ajudas e apoios de outros países internacionalistas e em último lugar, com a intervenção da O.N.U no que diz respeito ao dilema «**O DIREITO DO HOMEM**».

A educação dos papéis observa-se a certos níveis de elevação da inteligência dos africanos que nos deixou honra e felicidade de viver como homens evoluídos em muitos domínios político, social, comercial, sanitário, técnico, educacional, laborioso, etc. A mesma educação dos papéis traz infelicidade nas famílias africanas onde se verifica a divisão, a falta de união sólida entre os membros, porque vai reinar o intelectualismo. Do outro lado, a educação sem papéis ofereceu-nos a grande riqueza da cultura dos pais de nossos pais apesar de este homem não ser evoluído, mas ele demonstrou a sua sabedoria como a forma empírica de transmitir conhecimentos e se aproximar bem com seus filhos e chegar a ter bons frutos, benéficos, para toda família.

De qualquer das maneiras, as duas tendências da educação contribuíram para o desenvolvimento do próprio homem.

5. Educação na época actual (Época da Independência) com espírito de deixa andar, de libertinagem.

O homem africano ou homem da Independência é sempre o mesmo homem de todo o tempo com o seu orgulho, desobediente, arrogante, animado com o espírito de superioridade e vai experimentar dominar o seu irmão, de onde surge o desentendimento e as guerras fratricidas das tribos, guerras étnicas que vão instabilizar os países africanos. O homem africano da independência tem como objectivo querer aproveitar a riqueza do seu país com a decisão de dominar os demais irmãos. Ele sabe muito bem que essa riqueza pertence a todos os irmãos. Mas pelo seu orgulho e honra vai tirá-la, custe o que custar, pela força. Esta decisão é sempre um dos modelos dos homens maus de todo tempo, de toda época e da evolução dos homens desta terra. Ele impõe, utiliza para a sua demonstração com ajuda exterior para melhor dominar e ganhar a sua batalha.

Este tipo de político encontra-se em qualquer lado de África. São então manobras diabólicas que contribuem para estragar, destruir e desestabilizar os países africanos, ao mesmo tempo as famílias, escolas, as empresas e as cidades. Sobretudo, muitas famílias deixam os seus bens, deslocam-se a grandes distâncias com as crianças. A vida das famílias africanas fica complicada e vivem ainda na miséria onde a guerra se prolonga por mais anos. Sabendo que o mesmo comportamento anima alguns homens maus africanos da independência, com orgulho, e ambiciosos que procuram a superioridade para dominar os outros irmãos do mesmo país nada poupa para aproveitar a riqueza da terra, o que não foi definido no início da criação deste mundo da verdade real que nós chamamos terra dos homens. Apesar de ter consciência disso e de reconhecer as consequências das histórias passadas de Alexandre -o- Grande

(Grécia) e Júlio César (Roma) antes de Jesus Cristo e Hitler (Alemanha), Napoleão Bonaparte (França). Não é verdade que as exibições das guerras provocadas por estes homens, terminaram como fumo evaporado no céu. Se Homem colonialista impôs aos indígenas a força do mal a sua trajectória era longa e difícil para concretizar os seus objectivos. Ele abandona a África e termina com o processo volumoso da ONU para libertar de imediato os países africanos. O homem africano, independente, orgulhoso e ambicioso encontra -se no mesmo saco como seus predecessores, ele não escapa de ser posto no banco dos acusados. Vamos perguntar quando acabarão as falsas ideias, imaginações que saiam do mundo irreal do homem orgulhoso? Neste momento os problemas africanos resolvem-se quase à metade na união dos países africanos porque dentro dos países africanos existem problemas não resolvidos. Nos países africanos os problemas são quotidianos e parecem muito extensivos. Vamos evitar que esses problemas sejam acumulados cada vez mais, mas que sejam resolvidos a tempo. Como explicar o facto de ter já os seus problemas não resolvidos em cada país da África e decidir tentar resolver no conjunto os problemas nos países africanos? Não é primeiro tirar o que está na sua vista e só depois que vai procurar tirar do outro? Sabemos bem que é um perigo? Mas o homem orgulhoso, desobediente, não se preocupa com isso. Isto é para qualquer homem sem distinção da pele porque isto tem a sua base cimentada a partir do jardim de Éden. Cada país africano toma consciência de enfrentar ainda os seus problemas internos prioritários, por exemplo, os problemas das Famílias são problemas de base e difíceis a resolver.

As autoridades africanas têm pouca consideração a este aspecto e deixam andar. Elas permitem deixar andar os infractores das leis ditas familiares. Muitas cidades africanas estão cheias de problemas de crianças de rua, delinquentes, gatunos, assassinos, os de má-fé,

dos enganadores, etc. Quando fizemos análise profunda, chegamos à conclusão que maior parte destes problemas têm vindo das famílias.

As crianças da rua.

São crianças que provêm das famílias divorciadas, das mulheres sem maridos, dos homens solteiros que fazem filhos fora do casamento, jovens mulheres e jovens homens sem paradeiro, dos casamentos de oito horas (que nem fazem um ano), famílias formadas com influências dos mercados, das festas como feiras, nas escolas, nas vizinhanças, da guerra, jovens mulheres abandonadas com filhos e outros casos.

Crianças recebidas por acidentes

São muitas vezes crianças que ficam nas responsabilidades de jovens mães. É na verdade uma família, mas não é uma família inteira, que nós chamamos de jovem família em dificuldade, porque a mulher mais jovem assume na totalidade a responsabilidade das crianças sem homem.

Esta jovem mulher não vai suportar o peso da vida das crianças e terminará por abandoná-las. Os parentes deixam andar os problemas de raparigas enquanto os actos cometidos pelos jovens homens são juridicamente condenáveis. Mas nas aldeias, os jovens homens são bem seguidos pelos sobas e pagam grandes multas ou indemnizar a família com uma cabeça de gado segundo o costume pelo facto de engravidarem as raparigas.

Na cidade, isto não acontece porque os infractores pertencem em general nas famílias que têm possibilidades ou que têm funções importantes no Estado e assim os jovens infractores são, muitas vezes, protegidos. Quem então está em cima da lei? Ninguém! As outras decisões dos nossos grandes parentes, às vezes são boas, porque não fazem referência à família pobre nem à família rica mas cumprir somente à lei. Vamos escolher o que é bom e afastamos o que é mal como a bruxaria. Isto faz parte da desvantagem da educação dos papéis que se inclina no proteccionismo e na impunidade. As sociedades africanas não devem sempre dar mimo aos indivíduos que têm o desejo de fabricar filhos sem pensar no futuro, enquanto a África precisa de quadros de qualidade para participar no desenvolvimento dos países. São problemas sérios aos quais os governantes africanos fecham os olhos. Quem são mais vítimas? São as mulheres e as crianças neste capítulo. Os Estados africanos neste tempo têm pouco poder de tomar decisões no capítulo concernente às famílias e às crianças.

Na época de nossos mais velhos, o caso de adúltero era gravemente mal visto e punido. Homem ou mulher adúltero/a numa família, era sujeito/a a ser vendido/a ou trocado/a para outras famílias para não sujar a própria família de origem. Porquê não seguir o consenso do passado ou tentar fazer a sua interpretação e evitar talvez copiar à letra os mais velhos? Nesta época existe muita libertinagem. Os indivíduos manifestam coragem diabólica que se permite fazer de proposta o sexo entre os membros da família ainda com idade maior (mais velho) e com as meninas de 7 a 8 anos. Onde vamos com essa libertinagem em África? Não só em África, porque isto se estendeu a nível mundial. Será um sinal do fim do mundo? Lembramos que o outro mundo foi queimado por causa disso? Onde vamos começar a educar as pessoas, não é a partir das famílias?

Os Estados africanos poderão no futuro fazer campanhas nos programas da educação das famílias e mobilizar as igrejas associando o problema de adultério que pegou fogo no mundo. A terra dos homens deve envidar esforços para abrandar este fenómeno. Um adúltero, é um elemento mais perigoso, que destrói a família, a sociedade e as igrejas. Os adúlteros deixam más sementes, podres e indesejáveis perante a Deus. Lembra- te de Sodoma e Gomorra. Cuidado! Cuidado! <Um homem avisado vale por dois> sobretudo o homem desta época. Eu e Você, sem distinção de cor, de raça, de função, profissão, etc.

Delinquentes.

São jovens de idade menor e adolescentes que escapam do controlo da família; jovens que provêm das famílias divorciadas que não têm sítios fixos. Eles refugiam –se as vezes nas mães ou papás separados, nas tias, tios, avos, etc. Eles gostam de passar tempos no mercado, fora dos bares, cinema, de snack bares. Na época colonial, o Estado planificava a recolha destes jovens desamparados e sem paradeiro para serem apanhados e encaminhados directamente nos campos de reeducação onde eles eram internados com objectivo de lhes fazer interessar a apreender profissões tais como carpinteiros, mecânico, electricista, pedreiro na parte dos jovens rapazes, e para as jovens raparigas frequentavam os centros sociais para tirar curso de costureiros, ou de culinária.

Os parentes destes jovens eram informados das situações pelos assistentes sociais quem seguiam os jovens nos centros sociais ou nos campos. Neste tempo da independência as actividades de apoio aos jovens delinquentes são paralisadas. Se existem as estruturas sociais que atendem estes problemas não funcionam por várias razões injustificadas e inadmissíveis, como se disse, falta dos quadros formados para trabalhar nos campos de recuperação e nos centros sociais para educar os jovens homens e mulheres para o futuro de seus lares.

As autoridades africanas resolvem muito pouco os problemas dos delinquentes. Desde que os colonos abandonaram África, os problemas das famílias se complicaram mais, os divórcios se multiplicaram, o conceito casamento se entende de diversas formas: Poucos casamentos são legais e conhecidos pela família da mulher ou do homem. Há casamentos que terminam o seu percurso a nível tradicional, ou ainda ao conservatória ou só para Igreja.

Lares formados segundo consenso do homem e mulher que duram pouco tempo mas que podem produzir 2 ou 3 filhos conhecidos pouco pela família da mulher e do homem. Neste contexto, os filhos têm pouca educação da família e encontram muitos riscos no percurso de sua vida, logo se transformam em delinquentes porque não têm a oportunidade de acabar os seus estudos por não terem encarregados da educação fixos. Estes problemas têm a sua base nos casamentos improvisados, onde os jovens mulheres e homens tentam criar o novo mundo improdutivo, mundo de maldição, de libertinagem, mundo que não traz felicidade na terra dos homens, só e somente sofrimentos, miséria, a pobreza para a maioria do povo. Este é o modelo da vida dos países africanos independentes. Os problemas das famílias são vistos muitas vezes através de microscópio pelas autoridades africanas em vez de os mirar melhor com os aparelhos «radares», mais rápidos a detectar os origens e tentar combater para diminuir a velocidade dos problemas das famílias. A educação dos papéis é boa como má dum lado porque vem transformar completamente a sociedade africana (mulher, homem, jovens, velho) ficam em estado de perda autocontrolo por causa da imitação do mundo exterior. Essa educação contém tantas coisas importadas que os africanos consomem sem saber dos grandes perigos. As autoridades africanas vêm e deixam operar no meio da sociedade e ao mesmo tempo destroem as famílias. Os problemas de vivências dos homens e das mulheres devem ser vistos nas constituições africanas com muita profundidade.

Os casamentos ilegais sem opiniões, nem ideias da família andam com muita velocidade em todos os cantos: nos mercados, nas lojas, nas paragens de autocarros, nas feiras, nas escolas, nas igrejas, nas ruas, nos aeroportos, nas festas e cerimónias grandes onde os casos de adultério se verificam e se cumprem com facilidade. A educação dos papéis nos mostra o quadro dos caminhos onde a grossa

libertinagem se estende. Que as decisões das autoridades africanas sejam tomadas no âmbito de edificar com harmonia e com respeito as famílias africanas.

As crianças com comportamento difícil

São jovens muitas vezes traumatizados que passam várias etapas difíceis da vida, com perda da esperança, muitos são maus, prontos a agir, jovens que provêm das mães conhecidas e de pais não conhecidos, em geral das famílias difíceis de identificar. Nas escolas são crianças mais complicadas, muitos pretendem se meter ao mesmo nível dos professores, na aparência são bons alunos mas no fundo são hipócritas, enquanto as jovens raparigas neste contexto não terminam os seus estudos, ficam grávidas com facilidade.

Os países africanos poderão experimentar resolver paulatinamente os problemas de base das famílias porque dentro destas famílias se multiplicam tantos problemas na sociedade, o que quer dizer que a nossa sociedade está doente. Como podemos desenvolver os nossos países se as pessoas que participam nessa luta são doentes? No tempo dos colonos o Estado trabalhava junto com as igrejas. Hoje os pastores estão a predicar amor e a paz entre os homens, mas a partir das igrejas não existem a paz, e amor. É de igual modo aos homens, mulheres às igrejas não aplicam o que está na bíblia. Cada domingo as pessoas vão nas igrejas, mas entre elas, não se falam, não se complementam, mas nas suas bocas falam de Deus poderoso.

Enquanto a bíblia disse: «**Não invocar o nome de Deus em vão**», Nos bairros, nos centros de trabalho, nos mercados, há sempre ódio entre os homens e mulheres. Não é verdade, abrir a porta do tribunal para nós mesmos? Pedimos a Deus para operar, para nos abençoar enquanto no outro lado fazemos coisas feias que não nos dignificam, seremos chamados filho de Deus? Qual é esse tipo da educação que nós estamos a aplicar? Onde saiu esta educação? Nas Igrejas? Não imite maus hábitos dos pastores, missionários porque eles também são pessoas que podem cometer grandes erros, por isso não se confia neles, mas confie na palavra de Deus. Felizmente Deus é bom.

ELE é verdadeiramente bom. A mudança verdadeira vem DELE. Mas os homens não se apercebem de imediato. A desobediência do homem já vem há muito tempo a partir do início da criação do mundo. O homem foi educado duma outra maneira por Deus no Jardim de Éden, o mesmo homem fez o contrário seguindo o ensinamento do diabo. A última educação traz para nós a maldição. Na realidade o homem sucede a ele próprio o que ele faz, se reflecte no passado.

A base do homem nos oferece ensinamentos históricos inesquecíveis, bem gravados na nossa memória. Por isso, para melhor andar na vida, é preciso que o homem se controle, faça sempre o seu golpe de vista atrás porque não é bom, o homem andar por prazer de andar sem se perguntar o que lhe possa dar impulso para conseguir os seus objectivos. E ainda não devemos afastar a justiça no amor com aproximação. É importante. Não podemos vestir Paulo e tirar a roupa de Pedro. É uma injustiça. Lembra o que se passou na família de Abraham onde nascerem Isaac e Ismael. Deus poderoso ama sempre os dois. Deus não faz escolha de amar só Isaac, mas também de amar Ismael. O nosso Deus não deixou sofrer por Ismael. ELE fez o que precisava para ele. Essa é a justiça. Hoje o homem deveria seguir o mesmo caminho para evitar as contradições na terra dos homens entre Cristãos e Muçulmanos.

Mas o homem é orgulhoso e desobediente. Faz o que entender fazer. Ele é sempre no mesmo diapásão com qualquer homem. Ele anda com as maldições. Essa maneira de comportar-se não é de hoje, nem de ontem e não lhe protege frente à terra dos homens do mundo real. É preciso seguir bem a palavra de Deus. Ninguém pode tirar ou acrescentar o que diz a palavra de Deus. O que é interpretado na boca dos homens, não é de Deus todo-poderoso. O homem não pode o justificar de sua maneira. O tempo é este para abandonar os actos que levam os homens no inferno, pois a libertinagem no homem é

caminho infeliz e indigno. Ela estraga as famílias porque ela contamina com facilidade os membros da família sem ter em conta distinguir o bem e o mal. Ela não deixa as famílias evoluir com paz, harmonia. Quando os parentes modernos querem imitar os pais de nossos pais que tinham 5, 15, 20 mulheres, devem pensar que nós estamos na época muito aberta com o mundo exterior onde há tantas influências, sobretudo cheia de tentações. Os parentes modernos não conseguem suportar o peso das mulheres dispersas em lugares diferentes durante bom tempo e também com o gasto de muito dinheiro, e na mudança de mulheres como camisas, há a desvantagem de acúmulo de problemas dentro das famílias, traz logo a destruição das famílias e também dos países africanos. O homem de hoje deve pensar, compreender e se esforçar em mudar a sua mentalidade. Escolha o bom caminho, não persista no campo de adultério que destrói as famílias, que nos conduz ao inferno, nas calamidades.

Existe uma grande diferença em relação aos pais de nossos pais que ficaram a viver com muitas mulheres no único quintal, mas com disciplina tradicional, rigorosa. Havia queixas entre as mulheres mas não é como hoje porque havia boa organização tradicional, pelo contrário as famílias manifestavam a sua alegria. As primeiras mulheres naquele tempo eram consideradas como rainhas, mais respeitadas, dignificadas em relação às outras. Nas festas, elas eram priorizadas a dançar primeiro com o marido, depois seguiam as outras. Isto foi boa organização das famílias poligâmicas. Se no tempo do colono, o homem tinha consciência de arranjar e legalizar 2 ou mais mulheres, entretanto os problemas das famílias foram seguidos de perto pelo Estado colonial. A mínima confusão em família no quintal, a polícia apanhava o homem e a mulher para levar às autoridades competentes para serem ouvidos. Em casos de relutância eram tratados com pagamento das multas ou ainda o homem e a

mulher ficavam 2 ou 3 dias detidos na polícia. Assim, os parentes compreenderam naquela altura a importância de viver em família com paz, sinceridade e honestidade. Essa maneira de agir dos colonos era muito boa com o objectivo de proteger os interesses e as boas imagens das famílias.

Neste tempo da independência os Estados africanos não agem com rigor, deixam andar mesmo no caso de repetições das confusões na família, há chamada de atenção, em vez de castigar bem os infractores porque as mesmas autoridades africanas são sujeitas a estes casos, não são modelos dentro das sociedades pois que os exemplos devem vir de cima e também a lei não protege ninguém, todo cidadão de baixa ou de cima categoria são iguais na aplicação das leis. Na prática não existe, por isso, todo cidadão africano participa na destruição das famílias, começando para os mais novos, adultos, velhos até as autoridades.

Veja ainda essa grande libertinagem, gigante de alguns velhos de 40,45 anos ... que se permitem a fazer relação sexual com menores de idade! No tempo do Estado colonial estes velhos mereceriam condenação de prisão para serem isolados da sociedade. Com os pais de nossos pais que não toleravam casos de adultério, para eles, esses velhos poderiam ser queimados ou enterrados vivos! Neste tempo, o caso está a ser tratado numa forma amigável. O velho apanhado é encaminhado à polícia depois de uma semana, um mês o mesmo velho deambula na rua. Ah, Ah, Ah não pode ser assim! As coisas, como as leis devem ser revistas, confeccionadas nos países africanos. Senão, qual é esse tipo de educação do homem do tempo da independência nos países africanos? Como posiciona as aplicações das sanções contra os infractores nas leis familiares em relação ao tempo passado dos pais de nossos pais? No tempo colonial? E neste tempo da independência? Existe uma grande diferença. Os casos de abuso nas famílias aparecem mais no homem independente. No

tempo passado aplicavam sanções exemplares para chamar atenção os homens de respeitar e tomar consciência dos problemas das famílias. Tudo andava quase em ordem naquele tempo em relação do nosso tempo onde os infractores se enquadram na idade dos pequenos até aos velhos. O homem dos pais de nossos pais considerava a família como uma estrutura sagrada, de honra, apesar de que os membros sejam bem monopolizados mas eles tiveram uma preocupação maior com os seus filhos para terem noções elementares da família. Hoje as famílias africanas têm muitas histórias, passam teatros a partir dos filhos dos pais até às autoridades. Os pais africanos devem esforçar-se por semear boas sementes que podem produzir resultados eficazes nas famílias.

Se nós tivermos bons cidadãos, capazes de conduzir os países africanos será possível diminuir aos poucos os casos difíceis entre outros os incompreensíveis, os bandidos, os inconscientes, os mentirosos, delinquentes, os aventureiros, que provêm nas famílias. O regresso ao sistema de chicote dos colonialistas em África seria mais viável? Acho que não e não pois que o tempo passado não volta mais. Os africanos estão saturados com o escravagismo, com os chicotes dos colonos. O homem africano neste momento deve se sentir com muita alegria de seu valor digno do homem igual aquele homem de todos cantos do mundo. O homem africano independente é capaz de fazer o que ele pretende fazer observando bem os limites de liberdade que nos trazem muitas situações infelizes na vida. Exemplo o campo da educação sem papéis dos pais de nossos pais deixou para nós grandes lições, com sucesso total nas aprendizagens elementares que produzem resultados de responsabilidades precoces, mas maduras e duras que na educação dos papéis a qual é cheia da verdadeira luz na civilização dos países africanos e no desenvolvimento humano mas sujeita à penetração de confusões e perturbações nas famílias africanas, a perda de dignidade, solidariedade, de honra

porque vivemos coisas incríveis que se manifestam através das famílias no tempo da independência sobretudo quando o amor entre o casal baixa até 10% ter coragem de declarar divórcio antes do tribunal, faz o papel do juiz ele próprio, esquece todos os compromissos da igreja, dos conservatórios, rasga os papéis dos contratos de casamento, deita os anéis no ar livre ou no lixo, oferece aos porcos, cães ou ratazanas porque o amor termina aqui neste teatro. Ainda os fatos, roupas, fotografias do casamento são queimados. Qual é o tipo da educação deste casal que se manifesta muitas vezes na véspera da separação? Não se confirma se este modelo do comportamento

Observa -se nos homens e mulheres dos outros continentes? Na Ásia? Europa? América? Austrália?

Sabendo que o homem é sempre o mesmo em qualquer lado do mundo sem distinção de raça.

Mas nos países africanos as autoridades estão ainda mais longe de tomar medidas rigorosas, mais eficazes, para estabelecer decretos mais dinâmicos para parar os aventureiros pais e mães modernos quem têm a tendência de ir «fabricar» os filhos em qualquer lado como ratos de casa; aparecem aqui como transportadores de mil problemas, incalculáveis que travam bom funcionamento das famílias e paz na boa marcha dos países africanos e muitas vezes nota-se que os infractores destes actos pertencem às famílias ricas, pela classe da burguesia, mas contrário ao pensamento da terra dos homens, que na realidade leva esta maneira de consideração a justiça por o bem da humanidade. Imaginamos este tempo, os pais modernos vão arranjar 4 ou 10 mulheres fora e metem-se logo com muitos compromissos de casamentos ilegais, de mentira e manipula essas famílias como uma boneca para futuramente ser pai de alguns filhos abandonados. É uma brincadeira, ele não terá capacidade de

sustentar o número dos filhos na sua totalidade, nem suportar o sofrimento da metade destes filhos. O modelo destes países vai semear sempre mal nas famílias que dará resultados improdutivos na sociedade. Essas situações identificam-se nas sociedades africanas como uma moeda corrente. As crianças que nascem dentro destes casos são difíceis de identificar por falta dos verdadeiros pais. Essas crianças crescem com várias marcas chamadas crianças da guerra, da rua, abandonada, delinquente, bandida, gatuna, etc. Todas essas marcas são como espelho das famílias desorganizadas. E portanto a nível de percentagem de má semente é mais levada porque nem ensino primário termina muitas vezes destas crianças, para não falar do ensino secundário e universitário, mas elas vão estragar as sociedades dos países africanos porque elas não rendem no desenvolvimento de África. Elas vão exercer os trabalhos forçados tais como engrajar sapatos, lavagem dos carros, transportadores de mercadorias, vendedores de liamba, gatunos de viaturas, assassinos etc.

Situações dessas, poucas eram vividas pelas nossas crianças na época colonial porque todas as medidas já foram tomadas muito cedo. O Estado colonial criava condições adequadas, apesar de tudo. Em geral os parentes da época colonial são mais ou menos bem-educados neste aspecto familiar como viver com os filhos e as mães nos lares. São verdadeiros pais, dignos deste nome apesar dos chicotes. A bola está do lado das autoridades africanas de não deixar andar os problemas familiares acumulados sem soluções. A boa educação familiar reflecte-se no desenvolvimento do país. É nas famílias onde crescem os futuros dirigentes do país. Se nós tratamos mal as famílias, de igual modo como estaremos a tratar mal o país. A família merece estar bem protegida para conservar a sua estabilidade, para melhor cumprir à sua missão. Os pilares da família

são os pais. Se a fundação da casa é mal construída logo ela perde sua força e menos durável.

Não haverá inquietação quando a fundação da casa está bem construída. Contudo, as autoridades africanas devem confrontar com seriedade os problemas das famílias. Por exemplo, o povo queixa -se do mau comportamento dos taxistas que não respeitam os direitos dos clientes. A música muito alta não deixa a tranquilidade dos clientes e descem nas paragens incertas com discussões as vezes com os insultos. Analisando o problema, estes motoristas dos táxis saíram nas famílias diferentes. Por exemplo, sobre 35 motoristas de táxis: 20 foram criados pelas tias, tios avos, 10 pertencem às famílias divorciadas, 5 viveram ao lado do pai e da mãe. Ainda podemos dizer que a trajetória da educação da maioria destes motoristas é má porque eles crescerem em famílias desorganizadas onde o respeito entre os irmãos, irmãs e o próximo não foi bem ensinado. Em comparação aos motoristas do tempo colonial onde 25 motoristas cresceram com boa educação ao lado dos pais e mães e 10 motoristas encontraram-se fora dos parentes biológicos.

As queixas na sociedade irão diminuir. Isto significa que quando os resultados da educação estão mais benéficos para a população, há menos queixas na sociedade e quando os resultados da educação se apresentam negativamente, haverá mais queixa na sociedade. O que estamos a viver nesta época do homem independente. O problema da educação das famílias africanas está sempre a girar à volta das autoridades africanas quem resolvem os problemas das famílias com pouco seriedade. Ainda, a educação dos papéis vem incomodar espíritos dos parentes modernos inclusivamente os seus filhos, e abarca a todas as categorias de pessoas ricas, pobres e analfabetos. Não é preciso que se use a força para sair deste labirinto. Somos capazes de o fazer. Se os pais de nossos pais africanos conseguiram fazer coisas maravilhosas naquele tempo, hoje nós podemos fazer

mais; com as cabeças frias saíram boas decisões e justas a favor das famílias africanas.

6. A Evolução da Tecnologia Vem Criar Engarrafamento e Anarquia na Educação das Famílias africanas.

Seguimos o mesmo homem na história da sua evolução técnica, graças a tudo que ele tem como poder de bem conhecer o mundo. O homem é responsável por si próprio. Ele constrói como ele destrói. Ele obedece como ele desobedece as coisas do mundo. Mas ele é sempre sujeito à justiça o que ele faz desde a sua criação no mundo e nunca vive em paz real e durável. O que ele faz muda constantemente no tempo e espaço segundo as suas necessidades enquanto a sua existência dentro da natureza fica na mesma. As vezes, o homem pretende explorar a natureza de sua maneira até procurar a provoca-la, o que pode prejudicar a saúde na terra dos homens.

A evolução da tecnologia no domínio da educação, tem concepções diferentes baseando-se nas histórias das famílias. Os nossos parentes modernos africanos procuram ganhar lugares na compreensão profunda no que diz respeito ao teatro, telenovela, filmes, provenientes dos países estrangeiros. Dum lado, os seus filhos não querem ficar atrás, pois que eles pensam que o mundo moderno pertence a eles, as melhores explicações devem sair deles. Aí aparece o engarrafamento e a anarquia entre pais e filhos. Os parentes modernos pensam conservar o primeiro lugar na preocupação da educação dos seus filhos como papel chave, fundamental. Eles desviam-se aos outros caminhos e encarraram-se aos problemas menos importantes e esquecem que a educação dos filhos é um peso muito grande que deve ser suportado pelos pais, sabendo que este caminho é praticamente longo e difícil. Os parentes modernos devem bem pensar, aproveitar a oportunidade de se perguntarem como conduzir na sociedade mais evoluída, onde os nossos filhos vêm com clareza. Onde os parentes modernos se confundem, se misturam com

os seus filhos, netos, etc. e se comportam como excelentes professores no acompanhamento dos assuntos de telenovelas, teatros e filmes. Eles não se deixam vencer nas discussões fortes no concernente às vinganças de amor, das mulheres rivais, dos casamentos que não demoram por motivo dos interesses do dinheiro, aos conquistadores das mulheres, que nos lares africanos são situações estranhas em comparação com esses cenários das telenovelas, filmes e outros, contrário aos costumes africanos. Os parentes modernos exageram em assistir à televisão junto com as famílias alargadas. Certas imagens, gestos dos filmes, telenovelas não são bem-vindos a todas as idades da assembleia, deixam tirar a atenção dos pequenos aos murmúrios, proibindo a intervenção dos adultos.

Os beijos e os abraços fazem reinar um silêncio absoluto na sala, mas são assuntos interessantes às raparigas e aos rapazes sem esquecer os mais novos onde o olhar se alarga mais em todos os cantos com sorrisos. No meio, faz-se escutar uma voz espontânea dum pequenina que se permite dar à luz da presença dum artista cujo papel bem conhecido por ela. As memórias dos participantes fervem, cada um a sua vez para intervir. Os jovens filhas e filhos anunciam os pormenores sobre os conquistadores das mulheres. Os adultos traçam trajectórias das cumplicidades dos assassinos do artista. No fim cada participante está interessado a prestar suas declarações segundo o nível de raciocínio. Os adultos atacam a visão curta do pai a favor do sucesso do artista de conquistar as mulheres rivais devido ao dinheiro, vão assim discutir entre os filhos que fazem alusão aos pais modernos que tentam abandonar a batalha. Mas a mãe tem interesse de meter-se do lado dos filhos para melhor bater prego com martelo para criticar o marido(pai). Os adultos percebem logo a atitude da vingança da mamã frente ao papá, eles mandam ir descansar a mamã no quarto para evitar confusão. Então, vem

render o tempo de se comunicar onde cada indivíduo fala ao seu diabo, os jovens filhos e filhas permitem-se fazer muito barulho, acompanhando os sorrisos sarcásticos. Veja ainda este modelo de vida das famílias modernas. Se perguntarmos neste momento, quem conhece melhor os problemas da vida nos lares, parentes ou filhos, são evidentemente os pais e as mães. Isto é a realidade porque o que passa na televisão, são casamentos de ficção que podem bem servir como lições aos nossos filhos para não os seguir. Os parentes modernos devem evitar enfrentar as conversas inúteis com seus filhos. Eles devem tomar a postura de verdadeiros pais.

Por isso, pode haver tentativas dos filhos fazerem anarquia, mas não é neste capítulo, talvez para outro, como se disse que as orelhas não podem ultrapassar a cabeça. Mas a evolução da tecnologia tem força de vir intoxicar toda família, pai, filho, mãe. A prioridade encontra-se na parte dos jovens que pretendem saber tudo e fazer tudo. O tempo que estamos a viver é deles. Eles seguem o ritmo e o passo do seu tempo, dum lado este comportamento dos jovens é próprio no domínio do desenvolvimento. Isto faz diferença no tempo e no espaço na terra dos homens. Mas a tarefa importante aqui dos velhos ou dos pais é de corrigir e dirigir, na medida do possível, pois cada um de nós tem o seu lugar na sociedade bem organizada, e deixamos o prazer de se meter em qualquer sítio. Os jovens devem pensar antes de agir pelo que não agem só para agir, para não cometerem grandes erros. Os parentes modernos devem preocupar-se em saber o que seus filhos estão a fazer, é perigoso ou não é para o futuro? Se alguns pais não sabem o que é internet e facebook, apreendem ao lado de seus filhos, tanto as mães que têm dificuldades para manipular os comandos do televisor. Isto tudo pode vir acontecer no meio das famílias africanas sobretudo nas aldeias e muito pouco nas cidades. Os telefones modernos deixam à margem os velhos.

7. Educação Impõe a Tolerância e Obediência para Tudo. A desobediência é base da nossa maldição.

Devemos aceitar algumas críticas que nos impõem à educação. Os parentes modernos devem reconhecer os seus actos que não são dignos de serem chamados como verdadeiros pais, actos condenáveis no campo da educação. As críticas não devem parecer estranhas, elas vêm fortalecer espíritos na caminhada da compreensão da educação dos filhos nesta época.

Como se disse, após uma grande chuva, vem um bom tempo. Papá sendo chefe da família deve comportar -se como modelo à frente de todos os membros da família porque tudo se faz à sua volta. O papá é piloto, motorista da família. Por isso, ele tem uma missão nobre, sagrada para cumprir com qualidade e mais responsabilidade. Sabendo que os papás geram as famílias já é um grande património do país.

É preciso ter muito cuidado perante os filhos e a própria mãe em casa. O papá deve evitar aqueles problemas que podem sujar e envergonhar a família. O respeito é de observância à toda faixa etária, isto quer dizer que desde o papá ao pequenino da família. Os pais devem forçar -se em fugir dos companheiros que podem se conduzir em caminhos de bebedeira e adultério. Um bom papá deve fazer tudo que se encontra sob o seu poder. Não é aquele que ultrapassa o seu nível, que obriga a cair nas dúvidas, nos empréstimos que podem vir aquecer a cabeça. O pai deve sempre medir o peso de seus problemas e saber escolher o que pode fazer e o que não é possível. Pois que ter muitas mulheres também traz ainda muitos problemas, como ter muitos filhos aumenta mais problemas na família e para o Estado. Os problemas não resolvidos desestabilizam as famílias e vêm influenciar o país no subdesenvolvimento económico e social. Isto tudo não deve ser só

problema do Estado, mas um dever para nós todos, porque quem vai trabalhar aí são os filhos do país que provêm das famílias organizadas, filhos conscientes, bem-educados. Portanto, as famílias são bases onde os filhos são preparados pelo pai e a mamã. Cada pai deve pensar a preparar os seus filhos que podem contribuir para a reconstrução do país. Os papás devem pensar em contribuir para o Estado com qualidade e não com quantidade, isto quer dizer fornecer filhos que devem ser úteis na família e para o país. Os papás modernos não devem meter-se à margem do Estado como espectadores. Eles tratam dos problemas de suas famílias e participam nos problemas do desenvolvimento dos pais.

Os papás do tempo do colono trabalhavam com muito medo. Ao contrário dos papás da independência que devem trabalhar com força, com alegria por amor à pátria. A maneira que os papás estão a cumprir os seus deveres é da mesma maneira que os filhos irão fazer, seguindo os traços dos pais. O Estado representa os papás como os filhos. Nós todos formamos o Estado. O Estado tem como pilares, as bases das famílias, do povo. Os papás e mamãs farão sua parte limpa na família, tratados como vencedores no campo da educação. Sabemos que o caminho da educação está cheio de espinhos, de montanhas, que oferecem as imagens dos obstáculos, mas nos darão coragem e o calor de enfrentar os problemas para o bem das famílias e do país. Lembra-se da destruição de Sodoma e Gomorra onde a caso de adultério era bem agudo. Os papás devem comportar-se nas famílias como os modelos. Tudo isto irá reflectir – se nos filhos como um desafio permanente nos corações, transmitindo como lição de geração em geração.

É evidente que os prazeres deste mundo não terminarão, mas essa lição será sempre na nossa mente e nos salvará em tempo oportuno quando pensarmos em nos afastar do orgulho, da honra e de tudo o que nos atraia para os primeiros lugares neste mundo que pertence à

terra dos homens. Apreendemos aos papás modernos, que Deus fala através dos homens de sua maneira. Aqui cada um interpreta essa frase segundo a sua compreensão. Mas esta ideia fica sempre gravada na cabeça com clareza. Os papás modernos encontram -se no capítulo da educação sombra, cheia de críticas.

Tudo, é má semente adquirida com força diabólica comparada à corrente do rio forte que transporta imenso lixo que contém folhas podres, lenhas secas compiladas, pedras partidas, sticks de árvores, toda sujidade carregada e descarregada ao longo do rio. Imagina a sua queimadura, qual será o cheiro deste fumo, se estivesses ao lado dele; sentirias como se tivesses agarrado na garganta com cheiro do produto como gindungo picante no nariz. Isto é o percurso da vida malandra dos papás modernos, pais independentes, livres de fazer tudo, de querer receber, ganhar tudo de uma vez neste mundo da terra dos homens, até cometer certos actos abomináveis na vista DAQUELE que nos criou! É possível mudar, esforçar-se baixar o seu orgulho e ser obediente, esquecendo a sua base de maldição. Deus todo-poderoso fala ao povo de sua maneira.

Para você as mães modernas, independentes estão no mesmo saco dos papás, no mesmo contexto a edificar as famílias africanas. O tempo de se entregar ao caminho desviado como mulher, praticando actos de adultério está ultrapassado. Vamos à frente para se construir um novo mundo, para serem consideradas as mães modelos, limpas de pensamento diabólico. As mães que tentam procurarem dentro da sociedade os seus verdadeiros lugares de serem apelidadas dignamente como mães das famílias que trabalham lado a lado de seus maridos. Mães que se inspiram da importância do casamento, que negam que o casamento seja uma coisa improvisada, mas um lugar mais feliz do mundo onde o casal respeita à letra os seus verdadeiros compromissos e onde crescem devidamente os talentos reais de todos os membros da família. As

mamãs modernas devem ter coragem de aconselhar os seus maridos, consola-los e aproximar-se sempre em qualquer situação da vida; não devem desejá-los por dinheiro, carros ou outros bens do mundo, pois tudo é vaidade.

Sabendo que em cada família não falta nada das discussões, mas as mamãs sendo mães das famílias, não falarão a linguagem do Leão, mas assim daquela de raposa. As mamãs gozam da inteligência que ultrapassa aquela da raça branca como se disse no nosso provérbio africano, claro, os vossos sorrisos mágicos dominam a força dos homens. Tudo o que você tem, portanto, pertence ao homem único, mas porque se permite saltar, às vezes, de homem para homem?

Há razão? Há justificação para isso? Esse comportamento nos faz afugentar a confiança em todos os cantos do mundo. Em frente das mamãs modernas crescem jovens filhas, jovens filhos que esperam no futuro construir novas famílias, novos países da África. Não é uma grande responsabilidade pelas mamãs que devem conduzir-se como as mamãs exemplares de famílias, em vez de deixar andar, de deixar copiar os costumes feios da Europa, da América e de outros na presença das vossas filhas? Se é preciso que seja rectificadada essa linguagem, não há dúvida, pede desculpa aos seus filhos e filhas. Isto é um gesto de respeito para cada um de nós, pois que o erro é humano. Seria um bom consenso que possa ser seguido aos membros da família. As verdadeiras mamãs têm sempre a preocupação permanente do futuro de seus filhos e filhas no domínio da educação. A mamã que não segue um bom caminho, mete toda família em perigo, cada membro perde o devido controlo na família. A mamã deve evitar o hábito de ir beber e o caminho do adultério que podem vir envergonhar e desestabilizar toda família. Há mamãs que não conseguem compreender que no lar a situação de dinheiro deve se posicionar em segundo lugar. O amor na família é primordial, e

assim se faz esforço para sustentar a família. As mães não devem forçar-se a todo o custo para obter dinheiro.

Trabalhe para ter esse dinheiro, mas não é utilizar os meios abusivos, sujos ou mesmo satânicos para receber muito dinheiro. O pouco que a família tem, chega. Dinheiro não chega a ninguém. Aconselhamos aquelas as mães que procuram operar milagres para construir os seus lares com dinheiro. Elas prejudicam-se, condenam-se e terminam mal, e mal porque elas não conseguem aguentar o peso de suas famílias, elas enganam-se. Elas devem consultar as instituições modernas competentes do Estado para pedir conselhos em matérias das despesas importantes nas famílias ou os conselhos dos mais velhos, em vez de fazer rebelião nas famílias. Para as mães modernas não vale a pena ir a correr de família à família. Isto quer dizer arranjar problemas que não terão soluções adequadas e justas.

As mães modernas devem evitar viver situações infelizes e inesperadas nas famílias para não serem consideradas de agentes patogénicas nas famílias e na sociedade em geral. Neste caso, essas mães não participam na construção do país. Elas destroem as famílias assim como os países. As mães devem ter ideias sempre fixas de ficar nas famílias para o bem de seus filhos. Elas devem compreender que muitos filhos abandonados na sociedade, provêm das mulheres divorciadas, prostitutas e separadas de maridos. As jovens mães deixem de ir arranjar filhos em qualquer lado porque nestas situações trazem problemas nas famílias e também ao Estado. Elas não dão conta que existem doenças contagiosas mais perigosas na sociedade como a Sida? Como funciona a sua consciência, a sua verdade e maturidade como mãe da família? Se no tempo dos pais de nossos pais, as mães foram tratadas na categoria mais baixa porque elas não tinham direito de tomar palavra na sociedade, eram inferiorizadas, mas hoje as mães gozam dos direitos iguais de igualdade aos homens, apesar de tudo, o que te abre certos

horizontes no quadro da educação de seus filhos como chefe de casa, são aquelas horas de sua permanência com a família, mas a sua ausência deixa grande vazio. Seria escândalo ou crime a todos os actos cometidos que não afixam a verdadeira imagem da mamã na família. Recomendamos a vossa mudança, oh mamãs modernas, oh mamãs independentes. Este é um capítulo das críticas e das sugestões de recuperação à mamã moderna.

Os filhos são também associados para participar na promoção das famílias e do país, como se disse que «o **filho que conhece bem bater o tambor pode fazer dançar os mais velhos**». Para conseguir, os filhos devem ter coragem e sabedoria de guiar os seus parentes, porque os filhos não devem assistir às lutas dos papás e mamãs no lar sem dizer algo. Eles têm direito de intervir mas com todo o respeito e sem arrogância, pois que as iniciativas tomadas pelos filhos transmitidos aos papás e mamãs tomam uma grande dimensão, e penetram muito no fundo dos corações dos parentes e exigem mudanças imediatas da parte deles. Essa maneira de agir dos filhos é bem-vinda na família, iria corrigir a vida quotidiana do papá e da mamã comparada com uma bomba que dará cabo dos actos indesejáveis na família, aparece aqui como as ideias de salvação e de terapia para a família. Se o papá e mamã andavam a lutar, não pode haver mais luta. Se o papá e a mamã bebiam muito, não vão mais beber. Os filhos adultos poderão exercer o papel do juiz sem portanto usar a força nem criar embaraços aos parentes. Eles podem fazer compreender papá e mamã a base de vergonha invadida na família, que apaga a boa imagem e a honra da família se não o cessar ou parar por aí. Essa maneira pode processar-se sob forma da conversa, com calma. Os filhos devem prevenir as consequências graves que acompanham estas situações perante o Estado e a sociedade em caso de repetições.

Ao papá e mamã devem perceber a importância deste aviso dos filhos que lhes impõe a tolerância e a obediência. Este exercício de enfrentar os problemas deve começar nas escolas para terminar nas famílias em casa e deve fazer-se com boa maneira, respeito e aprender a falar com clareza. A escola deve sempre planificar lição da educação civil sob forma de discussões seguidas nas quais vão tirar as conclusões, práticas que podem ajudar as crianças na vida quotidiana. Mas os filhos não podem considerar-se como sábios nem ter o espírito da concorrência com seus parentes, mas como filhos do país que participam também para a construção e o desenvolvimento das famílias e do país. Essa participação deve iniciar na família. Por exemplo, a mamã que tem hábito de bater no pequeno filho sobretudo na cabeça, pode ser aconselhada pelos filhos adultos da família para não o fazer, senão pode vir a causar estrago cerebral ao pequenino no seguimento de seus estudos, nas dificuldades da assimilação das matérias. A mamã deve escutar o conselho de seus filhos e vice-versa. Os filhos têm muitas experiências no domínio das novas tecnologias, mas aquele que os parentes não conhecem, aprendem com os filhos e vice-versa porque os filhos sabem também que os parentes têm mais experiências na parte da vida. Desta maneira, construímos os nossos países da África junto aos parentes e filhos. Mas como se disse que «os ouvidos não podem ultrapassar a cabeça». E porque o filho é Doutor, ele é mais que o pai, mas não é nada disso. O pai é sempre pai, quer ele seja bêbado, vendedor do carvão. Ele é sempre o pai, merece respeito.

8. As línguas Maternas Contribuem e Enriquecem muito mais para a Educação.

Na época colonial existiam programas em línguas nacionais a partir da escola primária até o secundário nos países africanos. Aqueles que estudaram naquela época, sobretudo na escola protestante, têm a memória dum livro da leitura em Kikongo com o título de «**Vitu**» onde contém histórias personalizadas dos vários animais que se metem numa cena de Nsuesue a nsunsu a mpembe que na sua lavra, decide trabalhar com outros animais, para plantar mandioca; e semear jinguba, tomate, massaroca, cebola, chamando o macaco, o gato e o rato recusarem a trabalhar. Mas, o búfalo, coelho e o cão, aceitaram trabalhar com a rainha da galinha Nsuesue a Nsunsu a Mpembe. Chegando o tempo de colher os produtos semeados, os animais que não aceitaram de trabalhar, queriam também comer junto com aqueles que trabalharam. A rainha das galinhas não aceitou porque são animais preguiçosos e disse quem não trabalhou, não tem direito de comer. Neste contexto, a escola tomou iniciativa de ensinar a trabalhar desde o nível de ensino primário. É preciso trabalhar para comer, para vestir, também para ter boa saúde, falavam os mestres da escola. Quem não trabalha, sofre e vai depender dos outros. Devemos trabalhar para sustentar as nossas vidas. Neste contexto, os alunos da escola primária trabalham com muita coragem e boa vontade nas horas de trabalho manual. Não só na escola, mas também em casa, os alunos ajudam a família a lavar loiça, roupas e ir buscar lenha para cozinhar porque os alunos são animados pelo espírito de trabalhar e apreender a falar e escrever a língua materna. É uma grande vantagem de se comunicar entre os membros da família em língua materna, que facilita conhecer bem a sua região de origem como os nomes dos rios, das florestas, das montanhas exprimidos em língua materna e seus significados. Isto nos dá coragem de defender em geral a nossa identidade em

qualquer sítio. Pode saber utilizar certas árvores no tratamento tradicional. Por exemplo, uma árvore chamada em kikongo Mpete ou mavetevete pode ser útil para curar o paludismo, basta colher as suas folhas a uma grande quantidade e meter numa panela, e deixa ferver no fogo durante 15 a 20 minutos para atingir mais ou menos 100 graus centígrados; depois de diminuir um pouco a temperatura, pode tentar meter a panela entre os pés e cobrir-se a cabeça com um cobertor, inclinando-se para a marmitta abrindo a sua boca. Todo este exercício te faz transpirar o corpo durante 5 a 10 minutos mais ou menos. Evite então o excesso da temperatura que te pode incomodar a resistir até ao fim. Após isso, aparece para todo o corpo o suor. O enfermo tira a cobertura, vai sentir-se bem suave, pode repetir 2 a 3 três vezes os mesmos exercícios e o paludismo pode desaparecer rapidamente. Se não tiver árvore de Mpete na sua região pode utilizar as folhas frescas de laranjeira, aplicando o mesmo procedimento. Se o paludismo apresentar uma certa resistência, consulte-se o médico que o/a pode aconselhar neste assunto da doença. Esta forma de medicação foi utilizada pelos pais de nossos pais por falta dos hospitais e por não houver outros recursos senão este método empírico curativo. Nesta época, pode utilizar esse procedimento no caso da urgência ou da emergência ou por falta de dinheiro para comprar medicamentos na farmácia. Trata-se aqui de tratamento tradicional e nada de feitiço. É uma educação sem papéis adquirida segundo as experiências vividas pelos nossos mais velhos africanos e o feitiço tem os seus critérios e suas exigências que o indivíduo interessado deve respeitar. Aqui o feiticeiro dita suas leis e impõe suas condições. Condenamos esse modelo de tratamento, diferente dos nossos mais velhos que não exigem nada. A utilização do tratamento tradicional é facultativa. Tudo o que se aprende para fazer mal ao próximo é condenável como por exemplo a iniciação para a bruxaria. Não podemos tudo aprender dos mais velhos. Vamos escolher o que é bom para a nossa vida. A língua materna nos abre

outro mundo de saber, o mundo da luz e da verdade, da nossa originalidade que nos distingue dos outros, assim temos que negar seguir o mundo das trevas. Por isso, os parentes têm o dever de fazer conhecer a língua materna aos seus filhos porque ela apresenta-se como base de comunicação dentro da família, da sociedade. Precisamos de fazer crescer os nossos filhos com a cabeça alta quando aprendemos tantas coisas como os provérbios e anedotas em língua materna.

A cultura da educação dos papéis vale bem, com certeza, no desenvolvimento do homem, mas também não devemos esquecer a aprendizagem das línguas nacionais que estão na base da nossa cultura africana. Pois, se é Doutor, mestre ou licenciado e que não saiba nem tão pouco conhece um bocado da sua língua materna, isso pode vir criar danos na sua vida um dia. É preciso tentar esforçar – se conhecer a sua língua materna pouco a pouco. Por exemplo, Senhor Tezo fez curso superior num país estrangeiro; regressou ao seu país, foi nomeado director numa empresa e casou pouco tempo com uma mulher bonita que compreende um pouco a língua materna, mas o senhor Doutor Tezo, director da empresa, não quer saber da importância de sua língua materna; porque foi com 12 anos para fora do país e não dominava a língua materna. Pela saudade, senhor Doutor mandou vir a sua velha (mãe) de 80 anos para viver junto com ela. Sabemos muito bem que nesta idade em geral as velhas exigem muitas coisas. É preciso entender-lhe e lhe obedecer porque a sua mentalidade está mais ou menos reduzida como criança. A velha percebia pouco daquela língua estrangeira, ela é mais aperfeiçoada em língua materna. O senhor Doutor e director (filho) tem na sua mente a cozinha de fora (Europa). Ele vem impor à sua mãe comer frango, carne de porco, carne de vaca. A mãe não gostava de comer, ela desejava muito de feijão, bagre, repolho, molho de muamba e outras comidas da aldeia, caso contrário, ela chorava às vezes. O

senhor Doutor director falava a mãe dele que a casa é dele e não é dos pobres para comer lombi, folhas de mandioca (Kizaka). A mulher dele defendia os casos da velha (mãe).

O senhor Doutor dizia que o dinheiro é dele, ninguém lhe pode convencer.

A mãe reclamava para lhe comprar um balde porque ela não conseguia tomar banho de chuveiro e dum lado, ela preferia um posto de rádio para ouvir novidades em língua nacional, ela não se interessava com as imagens das danças de televisão, lhe incomodava muito. Todas as reclamações apresentadas eram nulas e sem respostas. O tempo que a velha poderia ficar fora para apanhar sol, o senhor Doutor director lhe mandava ficar sempre dentro da casa porque a roupa da velha não era apresentável para as visitas do Senhor Doutor Director. Este comprava panos bonitos que custavam muito dinheiro, oferecia à velha (mamã) com a linguagem irónica, a velha repudiava a linguagem de seu filho senhor Doutor. Ele não sabia que a velha nesta idade precisava de carinho, de mimos como criança. Essa situação não agradava a irmã mais velha da família porque a velha emagreceu muito; também o senhor Doutor proibia à sua mãe de falar a língua materna porque dava vergonha frente dos amigos do senhor Doutor. A velha foi de imediato transferida para a casa de irmã mais velha onde se encontravam 2 netas e 1 neto que falavam língua materna. Aí as netas davam banho à avó sem dificuldade. Quando a velha precisava de comer condutos de sua preferência, a informação era transmitida pelas netas de imediato. As Conversas amigáveis entre avó e as netas na véspera de lhe tirar bichos na cabeça. A vida da velha recuperou -se rapidamente porque os seus desejos foram sempre satisfeitos. Não é só por razão de dormir numa boa casa, ter boa televisão, bons panos ou de comer sempre carne, não é nada, mas foi pelo facto de lhe apresentar bom sorriso, mimo, carinho e a velha atingiu mais de 80 anos.

Aconselhamos o senhor Doutor de fazer esforço para conhecer a sua língua materna, porque essa faz parte de sua identidade. Aqueles que nascerem nas aldeias não têm dificuldades de se exprimir, nem para se defender sem a presença dos membros da família em qualquer lado. Os grandes problemas encontram - se nas cidades onde os parentes modernos falam mais as línguas estrangeiras e os seus filhos não apreendem as línguas maternas.

Há parentes que não gostam de ouvir através de rádio os programas das línguas nacionais, desligam os aparelhos em vez de fazer interessar os seus filhos em ouvir a notícia em língua nacional. Eles são contra o Estado. Eles são incomodados para escutar as línguas nacionais.

Nós africanos devemos introduzir nas escolas os programas das línguas nacionais e aplicar a sua aprendizagem ao passo de camelo porque isto vai penetrar profundamente nos espíritos de nossos filhos coisas de importância capital.

O início é sempre difícil. Não procuramos em primeiro lugar ter os bons resultados de imediato, mas assim aperfeiçoar os programas de línguas nacionais, preparar as boas matérias e os bons professores porque nada pode servir a correr mais rápido, mas andamos com toda esperança de conseguir bons resultados. A mesma situação nos deixa um vazio na sociedade africana onde o problema da aplicação das línguas nacionais se fala nas bocas, na televisão, rádio, mas nada se concretiza na realidade nas escolas. Enquanto somos os primeiros a constatar que este filho é mal-educado mas não sabemos apontar o dedo ao verdadeiro culpado desta observação. Como se disse que a educação inicia na família. A família é a base. Nesta época da evolução, os papás e mães modernos deixam de lado as nossas coisas de tradição africana e inclinam-se muito para a tecnologia moderna. É um grande erro, os papás devem ter os interesses, em

primeiro lugar, de conhecer bem a nossa cultura e depois vão fazer interessar, seguir e transmitir aquilo que é próprio para nós Africanos aos filhos. Porquê não aprendem os vossos filhos a utilizar a maneira de brincar? Esse método pode vir dar rapidamente bons resultados. As experiências falam muito deste método. A criança que vai a um país estrangeiro junto com os pais, domina rapidamente a língua porque ela fica mais tempo a brincar no meio das crianças. Ela apreende a língua na brincadeira. Ela domina em primeiro lugar aquela língua na brincadeira com as outras crianças, até a incomodar em certo tempo os seus colegas para obter boas respostas imediatas nas suas perguntas repetidas no meio deles. Por enquanto papá e mamã se sentem ainda vergonha de falar ou procurar uma explicação perguntando aos vizinhos ou os colegas do serviço naquele língua. Eles esperam a oportunidade de aprender na escola de línguas. Isto deve prolongar -se por muito tempo. A criança aprende com a vontade e determinação, sem vergonha.

As explicações das crianças valem mais nas repetições e insistências até a elevar a voz nas orelhas do colega para melhor fazer-se entender. Enquanto os adultos têm outra atitude e comportamento de complexo de superioridade, pelo facto de dominar e falar bem a língua. Muitas vezes, eles ensinam os seus colegas a língua com a falta de boa vontade e amor de ter paciência de repetir, eles apresentam -se com orgulho, arrogância e sem sorriso, o que aborrece ao aprendiz o desejo de aprender, às vezes, eles tentam falar um bocado cometendo erros, eles apercebem-se logo a desconsideração de seus colegas que possam se permitir de rir.

Mas o que aconteceu na história dum soldado corajoso, muito dinâmico, arrogante, brincalhão que conseguiu aprender as línguas nacionais em cada província onde está inserido, é um exemplo de louvor. Chegou um tempo quando as autoridades militares acharam bem-fazer a selecção num dos Quartéis quatro militares dinâmicos

que conhecem pelo menos falar mais de três línguas nacionais. A sorte caiu também àquele soldado que falava na brincadeira cinco línguas Nacionais e mais outros militares conhecedores de mais de 2 línguas. Foram apresentados ao Quartel geral a nível nacional, fazendo um texto de confirmação.

O soldado que agiu na brincadeira foi mais destacado e foi promovido como brigadeiro, função principal na educação, sensibilização e na estimulação dos soldados como condições de conhecer mais de 3 línguas. Os colegas que estiverem junto com ele, ficaram admirados pelo avanço formidável do jovem soldado através de coragem, da brincadeira e eloquência que lhe fizeram atingir altas patentes de oficial superior. Ele não é um licenciado ou outro nível superior. Isto significa que na vida não é só ser licenciado ou Doutor, que pode fazer melhor trabalho, mas cada um de nós tenta fazer qualquer coisa com a sua sabedoria sem operar milagres, muito mais na prática da vida.

Um caso concreto aqui em Angola que possa ser considerado de bravura, de estimulação, de heroísmo é o nosso general Kundi Paihama quando era ministro do Estado. Ele tentou a sua experiência de educar os cidadãos funcionários dizendo que não podiam brincar com os trabalhos do Estado, têm que ser cumpridos com seriedade, com respeito e boa vontade, para levar o nível do país mais longe, conservar os bens do Estado, máquinas, mobílias, tudo que serve para trabalhar. A má conservação dos bens do Estado implica conhecer níveis baixos no rendimento e estagnação do desenvolvimento do país. Todos estes ensinamentos não eram por escrito, foram transmitidos oralmente, corajosamente, utilizando método da educação sem papel dos pais de nossos pais que se identificavam com gestos, atitudes, palavras, significativas que ganhavam os espíritos dos nossos funcionários que compreenderam o

que o general Kundi Paihama queria dizer e fazer. Todos os consignes foram transmitidos à maneira dos caracteres dum soldado.

Kundi Paihama falava com autoridade amigável. Ele fazia compreender os funcionários de abandonar algumas mentalidades de preguiça, eliminar aqueles actos que podem vir impedir o bom andamento do trabalho no nosso país de Angola. Kundi Paihama sendo como cidadão que experimentava transmitir o seu saber fazer no campo de trabalho que era uma coisa nova para aqueles que não sabiam, como se disse, **«quem não sabe, apreende»**. Essa era a preocupação maior do General, se alguns chefes agiam de deixar andar, deixar fazer, certo que as situações iriam mudar lentamente, com uma intervenção rápida daquele homem militar, cidadão Angolano, quem agiu com sabedoria como o General Kundi Paihama, as suas intervenções produziam bons resultados. Mas a mensagem do General Kundi Paiham vinha transformar também certos comportamentos das aldeias, dos funcionários e outras mentalidades da cidade como a preguiça de ir trabalhar. O nosso General não se apercebia do seu trabalho, mas hoje muitos cidadãos falam daquele tempo, ficou agravado nas suas memórias e que tem a sua imagem a reflectir como modelo do iniciativo do General Kundi Paihama. O seu nome foi espalhado em todos cantos de Angola. Às vezes, o general K. P. fazia tremer os funcionários jovens, homens e mulheres, na sua chegada da visita daquela província. Todas as providências foram prevenidas de preparar boas disposições antes de chegar naquela província que seja no campo militar, não fazia excepção. O geral Kundi paihama endireitou tantas coisas sem saber para ele próprio como dizia um escritor francês Moliere: **«que o Senhor Jordão fazia a prosa sem saber que ele fazia prosa»**. Deixa nós cantar Kok-rico (excelente alarma do galo) no seu rico trabalho em prol do desenvolvimento do país Angola.

Mas hoje, o General Kundi Paihama vem confirmar isso ao agir de outra maneira no desempenho de outras funções. Ele não abandonou o modelo de sua educação de sensibilização. Deparamos o amor, que ele tem na transmissão de seu discurso ao povo. Ele tem a preferência e a preocupação de o fazer-se entender melhor utilizando a língua nacional, por isso, o povo atraído para essa forma de falar, responde espontaneamente com gritos, sorrisos e bater as palmas com força, daquela alegria de escutar bem, transforma o lugar de seu discurso como verdadeiro lugar de festa onde cada um participa, com a vontade de ouvir, de aproximar para lhe ver mais perto, porque aquela passagem pronunciada em língua Nacional apresentava especial atenção que penetrava no fundo do coração do povo, via dominar o que foi dito em língua estrangeira. A língua materna identifica -se com a honra do povo porque é a língua de origem de nossos antepassados. Kundi Paihama seguiu os traços, as linhas mestras dos pais de nossos países que depois de falar com o povo para terminar era preciso acrescentar, aumentar as quebras de discurso daquilo ou deste para carimbar em língua nacional para que o discurso se revista de um carácter educacional, tipo da educação sem papéis arrancada nos arquivos dos seus antepassados Mandume, Ngola Kiluandji, Njinga Mbandi, Ntotila e outros, que são originais, pilares, bases deste país Angola. A educação sem papel de Kundi Paihama inspira-se nos ensinamentos que não prejudicam ninguém, mas que oferecem benefícios aos cidadãos Angolanos, transmitidos duma forma amigável, da cidadania angolana que deve aprender, sentir o peso das tarefas, deveres que lhe esperam na construção de seu país que saiu dos sofrimentos dos colonos que neste momento encontra-se nas nossas mãos, nas nossas cabeças, e é preciso saber como trabalhar, como se conduzir, se comportar, se prontificar como Angolano no campo de trabalho. É preciso o general Kundi Paihama ter as ideias de sacrificar-se, girar em todas as províncias de Angola, nas suas funções do ministro do Estado, não com chicotes ou utilizar

os meios bélicos como prisão, trabalhos forçados, como os colonialistas procederam na sua educação dos papéis apesar de terem produzido frutos na colonização de Angola, também nos deixaram feridas nos nossos corações, lembranças inesquecíveis, sobretudo nas perseguições, nas ameaças sem fundamento e nas opressões. General Kund Paihama levava a mensagem de amor e de organização, de preocupação do trabalho, sendo cidadão angolano amava trabalhar para o bem de seu país. Isto era a primeira intenção do objectivo do General Kundi Paihama que não gostava que os funcionários brincassem com trabalho, mas sim dignificar o trabalho, seguir as ordens dos seus chefes para construir junto o nosso país Angola independente. Kundi Paihama esteve já no terreno para uma educação de sensibilização, de tomada de consciência no trabalho. Este é um caminho mais viável para o General Kundi Paihama, pois que esperar a organização dos cursos de superação, de reciclagem, estágio, levaria tempo e tempo. Era preciso que o funcionário Angolano tirasse uma coisa na cabeça sobre o trabalho, segundo a ideia e a sabedoria do General Kundi Paihama. Louvamos muito as suas ideias proféticas, curativas na prestação e consideração do trabalho.

Grande chapéu ao general Kundi Paihama no reconhecimento da organização, na aquisição das noções fundamentais no campo de trabalho que serviram para a mudança imediata dos funcionários angolanos.

Sobre o Autor



Mwanga Garcia , natural de Maquela do Zombo , nasceu em 28 de Junho de 1944, Estudos Primários (Escola Central de missão Protestante à Gombe Lutete – Território de Thysville (Mbanza Ngungu) conclui em 1958, (Congo Belga) . Assistente Social formado no –Instituto Social do Estado (Ngiri-Ngiri) à Kinshasa em 1968(RDC). Admitido na faculdade de letras (Pré-letras 1968-1969) Université officielle du Congo à Lubumbashi (R.D.C). Admitido à l’Université Libre de Bruxelles , en 1^a épreuve de la candidature en philologie germanique en 1971-1972). Licenciado em Ciências da Educação (opção Psicologia) – Universidade Agostinho Neto(ISCED Lubango) em 1986- Curso de Formação Profissional “ Gestão de Recursos Humanos ” em 1992 à Porto { Portugal) . Admitido à l’ Université Libre de Bruxelles , en 1^a de la licence speciale en sciences du travail em 1993-1994 .Cursos de Formação Nível Superior à distancia (Faculdade Permanente – Universidade de Montreal -Canada sobre **Jovem Família em dificuldade em 2002 ; Sistemas de Saúde e Saúde comunitária em 2003** . Professor Assistente colaborador (ISCED - Psicologia Geral 1996- 1998) . Administrador de Recursos Humanos N’GOLA 1978-2007. Autor do texto “ **Regulamento Interno” da Empresa N’Gola** , aprovado pela Delegação Provincial do Ministério de Trabalho e Segurança Social (Huila) . Iniciador de implantação do **Jornal da Empresa N’Gola intitulado “ Eu e a Empresa”** Colaborador o Tribunal de Trabalho Huila Lubango 1987- 1990 .(2^a Vara) . Autor da obra publicada em 20 de Junho de 2014 , intitulada “ Reflexão sobre a Identidade ” . Em 2015, obra intitulada “ No Dinheiro não há sempre a verdade”.

Educação no Tribunal

Autor: MWANGA GARCIA

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

MWANGA GARCIA

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

